



Inácio Santos

Metamorfose Literária



Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos



Francisco Inácio dos Santos

Nasci nesta aprazível cidade -
Camocim - dia 07 de agosto de 1961, cidade litorânea banhada
pelas águas do Atlântico.

Criado menino afeito aos ditames que a natureza tão generosa-
mente nos legou: praias, dunas, lagos e manguezais.

Radialista, poeta, escritor, cronista, compositor.

Autor do livro “Flamengas & Boqueirões escritos em verso e
prosa”, lançado em 2008 pela Gráfica Fábrica de Livros - Senai - RJ
Titular da cadeira número 26 da Academia Camocinense de
Ciências Artes e Letras.



Inácio Santos

Metamorfose Literária

Coordenação Editorial
Carlos Augusto Pereira dos Santos

Sobral - CE
2024

Editora

**SER
TÃO
CULT**

10 anos

METAMORFOSE LITERÁRIA

© 2024 copyright by: Inácio Santos.

Série História Camocinense - Tomo 3 - Volume 2

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia



Editora
SERTÃO CULT
10 anos



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaoocult.com.br
sertaoocult@gmail.com
www.editorasertaoocult.com.br

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico
Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Coordenação Editorial da Série História Camocinense
Carlos Augusto Pereira dos Santos

Revisão
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Diagramação e capa
João Batista Rodrigues Neto

Catálogo
Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

MINISTÉRIO DA
CULTURA



S237m Santos, Inácio.

Metamorfose literária. / Inácio Santos - Sobral CE: Sertão Cult, 2024.

130p.
Série História Camocinense - Tomo III - Volume II

ISBN: 978-65-5421-120-8 - papel
ISBN: 978-65-5421-119-2 - e-book - pdf
Doi: 10.35260/54211192-2024

1. Poesia. 2. Literatura Brasileira. 3. Literatura. I. Título.

CDD B869.1



SUMÁRIO

PREFÁCIO.....7

— VERSOS EM PROFUSÃO —

DECLARAÇÃO 13
DESILUSÃO 14
JULGO 15
CONVICÇÃO..... 16
CONFIDÊNCIAS..... 17
FALSO AMOR 18
SINÔNIMOS 19
DESLIZE..... 20
AVE-MARIA 21
GUINADA 22
APELO 23
VERDADES..... 24
CONFISSÃO 25
CONFISSÃO II 26
REGISTRO 27
SÚPLICA 28
SÚPLICA - II..... 29
FALSO JURAMENTO 30
QUERER..... 31
LEMBRANÇAS..... 32
PONTO FINAL..... 33
ÉRAMOS 34
LEGADO..... 35
ABSURDO..... 36

VENERAÇÃO.....	37
VÊNUS	38
ANGÚSTIA - I.....	39
ANGÚSTIA - II.....	40
LEVIANDADE	41
BRASILIDADE	42
INQUISITÓRIA.....	43
CONCEITO.....	44
ARMADILHAS	45
CIBER-NADA.....	46
ETERNAMENTE ENAMORADOS.....	47
MONARCA	48
VÔ JANOCA.....	49
IMPOSSÍVEL	50
ENCANTO	51
ANTAGONISMO.....	52
RAZÕES.....	53
SONETO PARA MANUELLA	54
VISGO	55
PARCEIROS.....	56
O VELHO TREM	57
RUSGAS.....	58
BUSCA	59
DESLUMBRE	60
SONETO PARA HERCÍLIA	61
PUNGÊNCIA	62
ACEITAÇÃO.....	63
SEDUÇÃO	64
ESCOMBROS.....	65
UTOPIA	66
RESIGNAÇÃO.....	67
PRETEXTO.....	68
VERDADES.....	69
PRETENSÃO	70
PROCURA.....	71

SUPREMO	72
APITO NOSTÁLGICO	73
TREM DA SAUDADE	74
VIL METAL (Mt. 19: 16)	75
PASSIONAL	76
BICHO.....	77
DESFAÇATEZ.....	78
MORTE.....	79
CONSTATAÇÃO.....	80
DISCREPÂNCIAS.....	81
SAUDADES	82
FESTIVAL DE VIOLA	83
RECRUDESCIMENTO.....	84
OS 7 CAPITAIS	85
VELEIRO.....	86
METAMORFOSE	87
DIÁLOGO.....	88
SOU	89

— CRÔNICAS —

O ILUMINADO.....	93
PREDESTINAÇÃO	97
LOBISAGEM.....	100
ROUXINÓLICA	104
AUTO DE NATAL	107
QUIZÍLIA.....	111
CASO DE POLÍCIA - PARTE - 1	115
CASO DE POLÍCIA PARTE - 2.....	119
CASO DE POLÍCIA - PARTE - 3.....	123
FLOR MAMÃE.....	128



PREFÁCIO

Inácio Santos é uma das figuras mais ilustres da, ainda, pacata cidade de Camocim, localizada no litoral do Ceará. Dono de um multitalento invejável, no bom sentido, Inácio reúne em si habilidades que se somam e multiplicam, tornando-o um verdadeiro mestre da cultura de nossa região: poeta, escritor, compositor e radialista. Ele reúne ainda outras habilidades que somente os mais chegados conhecem, como por exemplo tocar flauta doce.

Receber o convite de Inácio para prefaciá-la sua mais recente obra não é lá uma tarefa muito fácil, ainda mais para um sujeito de trinta anos que ainda passa por processos ferrenhos de amadurecimento intelectual e moral. Para além disto, não pude acompanhar de perto as épocas áureas em que o programa *Inácio Santos* era um verdadeiro fenômeno na Rádio União de Camocim, alcançando diariamente a maior audiência de que se tem notícia até os dias de hoje, mesmo com o advento da internet e redes sociais.

O seu mantra diário para saudar o seu fiel público durante as manhãs era: “*O trabalho dignifica o homem, engrandece a mente e eleva o espírito*” e “*Programa Inácio Santos, a voz do povo no seu rádio*”, abrindo as diversas atrações que promoviam uma interação direta do público com o apresentador, seja na leitura do horóscopo, vagas de emprego ou no anúncio das cartas e correspondências entregues pelos correios no endereço da rádio e que eram destinadas aos moradores da zona rural, onde o nome de cada um era lido individualmente para que pudesse se dirigir até lá e receber. Mais do que entretenimento, Inácio foi e continua sendo um verdadeiro prestador de serviços à nossa querida cidade e localidades vizinhas, o que torna muitos de nós seus devedores por ter nos presenteado tão generosamente com o seu talento.





No ano de 2009, lançou a sua primeira obra solo: “*Flamengas & Boqueirões*”, um verdadeiro sucesso de vendas que se pode observar pela escassez de exemplares, que se esgotaram devido à grande procura. Neste ano de 2024, o escritor camocinense se reinventa, e sob o incentivo e apoio do professor e historiador Carlos Augusto Pereira dos Santos, lança a segunda obra: “*Metamorfose Literária*”, um compilado poético e literário de memórias e criações, cuja estética prende o leitor nas vivências e ficções ora apresentadas, instigando-nos a pensar: “Será que ele realmente viveu isto ou é apenas um fingidor?” (parafraseando Fernando Pessoa). Esta pergunta, talvez, deva ou não ser respondida pelos futuros biógrafos do autor, permanecendo, portanto, esse ar de mistério, que torna a leitura ainda mais prazerosa.

Metamorfose Literária se divide em duas partes, sendo a primeira constituída de poemas, em sua grande maioria sonetos, especialidade, na minha opinião, do amigo Inácio e de quem o saudoso Raimundo Silva Cavalcante era fã assumido, colocando-o na mesma prateleira de Augusto dos Anjos, fato este registrado por diversas vezes nas reuniões da Academia de Letras de Camocim, e uma segunda parte que traz a presença de crônicas, outro gênero textual sobre o qual o autor possui total domínio. Nestas, somos convidados com uma pitada de humor, mas também de saudade, a viajar num passado nostálgico, conhecer alguns causos e se entrelaçar poeticamente com personagens que podem ser identificados ao nosso redor e, talvez, em nós mesmos.

O amor, principal tema da obra, é cantado como sublime, como se pode observar no poema *Declaração*: “[...] Suplico com fé em Deus / Que não acabe os dias meus / Sem contigo poder falar / Para dizer-te então com alegria / Que não se passou um só dia / Sem que deixasse de te amar”, e na escrita de *Soneto para Hercília*: “[...] O que tenho de mais valor / Você já tem, é o meu amor / Parabéns, feliz aniversário”. Aqui, o amor é colocado como algo divino, iluminado, que na presença da vida humana torna os dias mais leves, sinceros e cheios de cor, sabor e bons temperos. É impossível não perceber a forte influência de Carlos Drummond de Andrade no trato com o enamorar-se presente em praticamente toda a obra.

Outro traço marcante, porém, é a presença da desilusão, seguida de angústia e decepção, aquele sentimento que aperta no peito e nos faz

questionar o passado (causas), o presente (o desenrolar da história) e o futuro (as consequências), por conta de amores perdidos para o orgulho, o desejo, a traição ou, simplesmente, para as circunstâncias da vida.

Inácio mostra que o poeta é o mais humano dos humanos (ou não), desvelando com muita coragem dores que viram poesia, numa espécie de catarse que não chega a curar, mas ameniza e mente de quem escreve e chacoalha os pensamentos do leitor, como podemos observar nos poemas: *Guinada* – “Ainda que tenha a beleza das petúncias / E que exale o perfume das rosas / De nada vale se me criva de calúnias / De nada serve se me são injuriosas [...]”, *Registro*: “[...] Do amor que um dia tivemos / E das promessas que fizemos / Restou somente um retrato”, e *Falso Juramento*: “Confesso até jurei por todos os santos / Prometi a mim mesmo não mais te amar / Porém descobri banhado em prantos / Que em vão, jamais se deve jurar [...]”. Destaco aqui a incrível energia de Luiz Vaz de Camões, que parece perpassar muitos dos versos presentes neste livro.

Outros temas também ganham destaque pela própria postura crítica intelectual que o escritor se coloca, não se furta de oferecer reflexões de caráter social, seja no campo da política, na análise do comportamento humano frente ao uso das tecnologias ou mesmo no resgate da história local, tendo como foco a presença e a ausência do trem na cidade de Camocim/CE. O resgate de lendas do passado e de figuras ilustres é um traço muito vivo nas crônicas, presentes na segunda parte.

Por fim, convido todas as pessoas a se deleitarem com a *Metamorfose Literária*, a fim de mergulharem neste universo vivificante das letras. É impossível não se sensibilizar com cada palavra e expressão aqui registrada. Reitero os meus votos de agradecimento por tamanha responsabilidade em prefaciar o livro de um dos maiores e melhores escritores de nossa cidade e região e rogo que seja reconhecido, ainda em vida, por tamanha contribuição à nossa cultura local. Leiam, não irão se arrepender.

Camocim, 17 de fevereiro de 2024.

Santiago Pontes Freire Figueiredo
Filósofo, poeta e escritor.



VERSOS EM PROFUSÃO







DECLARAÇÃO

Um eterno querer, querer-te
Um desejo total, irredutível
Um supremo prazer, ver-te
Mesmo num sonho impossível

Pois ainda aspiro o perfume
Que sempre me inebriou
E tenho o mesmo ciúme
Que nosso amor suplantou

Suplico com fé em Deus
Que não acabe os dias meus
Sem contigo poder falar

Para dizer então com alegria
Que não se passou um só dia
Sem que deixasse de te amar



DESILUSÃO

Quando te conheci, apenas botão em flor
Num lento desabrochar, tenro, perfumado
Puro e virginal, incólume e intocado
Rebento divinal, ninfa feita para o amor

Resolvi colher-te para o meu jardim
Pois de todas as flores, era minha rosa
A mais perfumada e tão maravilhosa
Que causaste a todos ciúmes de mim

Não reparei a hora, nem mesmo vi quando
Só sei que bela flor, foi aos poucos murchando
Despetalou-se, só restando talo de espinho

Hoje desilusão, pois nada mais existe
Meu jardim agora é ensombrado e triste
Somente lembranças, amargo sozinho



JULGO

Ao julgar-me cometeste vil engano
Proferiste com desdém tua sentença
O teu julgo foi cruel, torpe e insano
Feriste-me de forma muito intensa

Não quiseste ouvir com antecedência
Preferiste condenar-me à revelia
Teu veredicto deste sem inclemência
Com resquícios de frieza e tirania

Mas a verdade cedo ou tarde aparece
Absolve e redime a quem merece
Pois o tempo é o senhor da razão

Agora que te mostras arrependida
Que sirva de lição para a tua vida
Quanto a mim concedo-te o perdão



CONVICÇÃO

Engana-te quando pensas que te engano
É o mesmo que enganar a mim também
Enganar-me é dizer que eu não te amo
É afirmar que eu não te quero bem

Se por vezes por engano me aflijo
E porventura até tento te enganar
Enganado sei que estou e me corrijo
Maior engano sei que é não te amar

Não te enganes eu te peço por favor
Se engana quem não sabe que o amor
Não se engana nem se deixa enganar

Por isso eu te peço não se engane
Pode até parecer que eu não te ame
Maior engano pois seria não te amar



CONFIDÊNCIAS

Lembro que dissestes um dia
Por sob a luz do luar
Que jamais me esqueceria
Para sempre irias me amar

A lua foi confidente
Como se já fora antes
Selando eternamente
Nosso pacto de amantes

Hoje porém quando acordo
Todas as vezes me recordo
Da linda promessa tua

Sinto um profundo desgosto
Pois para poder ver teu rosto
Tenho que olhar para a lua



FALSO AMOR

O teu amor é feito fogo fátuo
Não arde não faz nenhum efeito
Causa em mim um enorme vácuo
E faz cratera dentro do meu peito

O teu amor é feito areia movediça
Parece não ser, mas é pura ilusão
Domina meu corpo a alma enfeitiça
E faz de refém o meu coração

Agora porém eu estou prevenido
Pois aprendi que não faz sentido
Insistir naquilo que não tem valor

Se for para amar quem não convém
É bem melhor ficar só sem ninguém
Do que sofrer por um falso amor



SINÔNIMOS

Crisântemos, Girassóis e Dálias
Marias, Camilas e Eulálias
Profusão de enleios e odores
Mulheres são sinônimos de flores

Orquídeas, Tulipas e Camélias
Larissas, Hercílias e Amélias
Manjares de exóticos sabores
Mulheres são sinônimos de flores

Gardênia, Begônias e Verbenas
Alices, Emílias e Helenas
Explosão contundente de amores

Hortências, Acácias e as Rosas
Magistrais, Perfeitas, Maravilhosas
Mulheres são sinônimos de flores



DESLIZE

Ela gostava dele
Ele gostava dela
Veio outra e ele
Substituiu por ela

Ela chorou e sofreu
Por causa da traição
Ele se arrependeu
E pediu seu perdão

Disse que a amava
Que sofrendo estava
Disse que era bela

Ela então aceitou
Logo lhe perdoou
Ele voltou pra ela



AVE-MARIA

Lembro do meu tempo de menino
Assim, assim, lá pelo findar do dia
O badalar plangente do bater do sino
Prenunciando a hora da Ave-Maria

O tanger do bronze dolente a tocar
Penetrava minh'alma fazendo-me feliz
Até parece que ainda estou a escutar
Saudoso som do sino da igreja matriz

Agora que já não sou mais um menino
Mesmo assim o badalar do velho sino
Sempre quando chega ao final do dia

No meu peito insiste em ficar tocando
Parece até que está me lembrando
Que é chegada a hora da Ave-Maria



GUINADA

Ainda que tenhas a beleza das petúnias
E que exales o perfume das rosas
De nada vale se me crivas de calúnias
De nada serve se me são injuriosas

De que adianta este rosto angelical
Se instilas o veneno da serpente
Se teus encantos só me fazem mal
Se tu finges sentir o que não sente

Só agora pude compreender
Que não dava mais para viver
Sob o julgo da tua falsidade

Enfim consegui, estou liberto
E o meu coração está aberto
Para o amor e para felicidade



APELO

Diz o pássaro cativo a seu carcereiro
Por que me prendestes nesta gaiola
No arrebol a cantar sou eu o primeiro
Aqui se canto, canto mais por esmola

Será que não vês assim de perto
Que toda prisão é triste e cruel
O bom mesmo é poder ser liberto
E poder voar bem próximo do céu

Deixa-me covarde, seguir meu caminho
Pois água e comida tenho eu com certeza
Maior conforto não há que em meu ninho
E o resto provém-me a mãe natureza

Dize-me o porquê e por qual a razão
Priva-me do direito que tenho de voar
Só porque ingênuo caí em teu alçapão
Achas que só para ti tenho que cantar

Liberta-me para que eu possa cantar
Quando o dia amanhece no lindo arrebol
Para que eu possa ao meu ninho voltar
Quando chega o ocaso com o pôr-do-sol



VERDADES

Mesmo que um tropeço te derrube
Siga em frente, não pare jamais
Seja firme, tome uma atitude
Não fraqueje, nem olhe para trás

Mesmo que a vida lhe seja madrasta
Saiba que nunca estará sozinho
Pense, Reflita, Pare, dê um basta
Mas não se afaste de seu caminho

Pois da escuridão surge a claridade
E logo após toda tempestade
Vem com certeza a bonança

Sempre cansa aquele que corre
A esperança é a última que morre
Quem está com Deus sempre alcança



CONFISSÃO

Se não estás comigo sinto-me perdido
Só consigo achar-me se comigo estás
Pois estar sem ti é meu pior castigo
Fico imaginando com quem estarás

Me pego pensando a todo momento
E tenho até medo só de pensar
Não posso aceitar meu pensamento
Que outro tu ponhas em meu lugar

Pois se assim fosse não sei que faria
Tudo que pudesse por certo daria
Para só contigo estar novamente

A tua ausência causa-me tristeza
És para mim com toda certeza
Motivo maior para viver contente



CONFISSÃO II

Ai, que ais tão doídos são os meus ais
Que nem mesmo eu os suporto mais
Ai, ai, ai, meu Deus quem me dera
Que todos meus ais eu então suportasse
Para que em meu peito se transformasse
Em calma e conforto, ao invés de quimera

Ai de mim, pois não sou capaz
E meus ais cada vez doem mais
Dilacerando por todo o meu peito
São ais de angústia, solidão, e saudade
Ais de desprezo, de dor e de maldade
Ai que já sinto, ser um caso sem jeito

Ai, ai, ai, e todos os outros ais
Insistem em não me deixar jamais
São ais constantes, que vem e que vai
Ai meu Deus, só tu que és perfeito
Será que já não existe mais jeito
Ou será para sempre, ai, ai, ai, ai



REGISTRO

A foto na estante nos traz a memória
De um flagrante real da nossa história
Um click, um flash, um instantâneo
Aprisionados fomos no momentâneo

Relegada a um canto esquecida
Pelo tempo surrada e esmaecida
Aquelelha velha e gasta moldura
Nos demonstra a realidade dura

Pois muito bem diz o ditado
Está completamente errado
Quem come e cospe no prato

Do amor que um dia tivemos
E das promessas que fizemos
Restou tão somente um retrato



SÚPLICA

Ainda que não queira sentir o que sinto
Todas as vezes em que tu me aparece
Embora não aceite a verdade é que minto
E em murmúrios te enlevo numa prece

Teu hálito tem o aroma do vinho tinto
Tem nos olhos a lisonja do encanto
O teu beijo é doce como o absinto
São razões para eu querer-te tanto

Peço a Deus que também tu sintas
O que sinto e por favor não mintas
E não haverá mágoas e cicatrizes

Acreditarei em ti e no amor que sentes
Saberei que amas e que tu não mentes
E assim sendo seremos então felizes



SÚPLICA - II

Te peço por favor digas logo
Não prolongue minhas queixas
Por Deus imploro até te rogo
Não me queres então me deixas

Porque insistes nesta indecisão
Se tu não me tens mais apreço
Se só magoas o meu coração
O teu silêncio eu não mereço

Melhor que tu fales de uma vez
De nada me serve a tua mudez
Apague em mim logo esta chama

Coração não sabe guardar segredo
Não existe razão para ter medo
E dizer que não mais me ama



FALSO JURAMENTO

Confesso, jurei por todos os santos
Prometi a mim mesmo não te amar
Porém descobri banhado em prantos
Que em vão, nunca se deve jurar

Magoado estava, por isso eu jurei
Se assim não fosse, jamais juraria
A lição aprendi, hoje juro que sei
Que jurar por amor, é mera utopia

Agora refaço o meu juramento
Hei de lembrar a todo momento
Porquanto restarem os dias meus

Se for por amor, não juro jamais
Quem age assim não sabe o que faz
Pra não mais errar, até juro por Deus



QUERER

Não existe coisa mais bela
Que o brilho do seu olhar
Seu jeito meigo de andar
E o lindo sorriso dela

Coisa mais bela não existe
Que a sua boca formosa
Sua voz macia, dengosa
Ninguém no mundo resiste

Por estas e outras razões
Eu corro qualquer perigo
Sigo na luta até o fim

Dona das minhas emoções
Me rendo, já não consigo
Quero tê-la junto a mim



LEMBRANÇAS

Dos tempos de outrora
Ainda me lembro bem
Logo ao romper da aurora
De quando partia o trem

O tchak, tchak das rodas
Deslizando sobre os trilhos
Venciam as duras provas
Transpondo os empecilhos

Voltava de tardezinha
Em cada vagão continha
Esperança e saudade

O sino então repicava
O trem de ferro chegava
Grande era a felicidade



PONTO FINAL

Uma lápide tosca, cinzenta e fria
Premoniza o destino de tal sorte
Constatando que a vida que havia
Agoniza e se finda com a morte

Na solidão eterna dos jazigos
Se dirimem todas as diferenças
Não existe o afeto dos amigos
Nem orgulhos, amores e crenças

Aprisionada inerte em perene lousa
Inútil carcaça para sempre repousa
Resta apenas um epitáfio descorado

Pútrida matéria que após a partida
Certeza maior dos ditames da vida
Do nada pro nada, apenas um finado



ÉRAMOS

Éramos só eu e ela
Somente ela e eu
Tudo meu era dela
Tudo dela era meu

Meu amor, mais o dela
Era pão-pão, queijo-queijo
Feito amor de novela
Só abraço, só beijo

Hoje estou sem ela
Choro por causa dela
A dor de estar sozinho

Sinto saudades dela
Que falta que me faz ela
Seu amor e seu carinho



LEGADO

Antes do homem branco aqui pôr os pés
Esta terra já pertencia aos Tremembés
Valentes, pujantes, como é próprio da raça
Gozavam a fartura da pesca e da caça

A divindade Tupã adoravam com fé
Obedecendo ao culto do sábio Pajé
Impondo respeito e regendo a taba
As ordens provinham do morubixaba

Os índios mantinham um costume bizarro
Enterravam os mortos em potes de barro
Cacique, guerreiro, cunhã, curumim

Senhores do mar e da mata virgem
A eles devemos o nome e a origem
Pote de barro quer dizer Camocim.



ABSURDO

Correu! Driblou! Chutou!
Balançou a rede? É gol!
Urras! Vivas! Emoções!
Salário? Muitos milhões!

A fome! A morte! A guerra!
Nos quatro cantos da terra
Remédios! Abrigos! Alimentos!
Sem verbas! Sem orçamentos!

Enquanto chutar uma bola
Em detrimento a escola
For bem mais importante

Certamente o ser humano
Estará em segundo plano
Para qualquer governante



VENERAÇÃO

Nem o aroma que vem da baunilha
Mesmo o favo doce mel da arapuá
Até o límpido raio de sol que brilha
Se compara à beleza que em ti há

Teus cabelos tem o negror do azeviche
Em teu olhar cintila o lume do diamante
Inebriante é o teu encanto e teu fetiche
Enfeitiça e me aprisiona a todo instante

Em meus versos te canto e te componho
Te desejo muito mais além de um sonho
E necessito do teu beijo e teu abraço

Porque tu és a minha musa preferida
É o que mais quero e desejo nesta vida
Sem o teu amor não sei o que eu faço



VÊNUS

Envolveste-me em teus enleios
Da multidão fui tua única plateia
Fiz meu refúgio entre teus seios
O teu corpo foi a minha Odisseia

Aprisionaste-me com o teu sexo
O teu corpo nu me envolveu
Perdi a noção, fiquei sem nexo
Gozando o gozo deste apogeu

Porém hoje não estou mais contigo
Não sofro, não choro, não me maldigo
Pois sempre em mim hás de estar

Teu colo ávido, teus seios quentes
Tua pele macia, os beijos ardentes
Tua flor de vênus, sempre hei de amar



ANGÚSTIA - I

Em ilusórios devaneios e delírios
Feito miragem, ilusão de ótica
Como se fosse uma figura gótica
Tu zombas e ri, dos meus martírios

Sei que é sonho, mas também é crível
Vejo-te ao longe, sinto-te tão de perto
Entre estar confuso, e não saber o certo
És tão palpável, o quanto és impossível

E nesta agonia eu assim discorro
Na noite extensa flui meu tormento
Debalde e inútil, é o meu apelo

Perdem-se os ecos do meu socorro
E os ais pungentes do meu lamento
Protagonizam a dor, deste pesadelo



ANGÚSTIA - II

Ó funesta madrasta da vil foice
Abstrai-me da vida com teu coice
Faze-me desta empreita por esmola
Pois já nada me resta nem consola

Ó megera que de almas se apraz
Suga a minha e devolve-me a paz
Te peço ouve-me, concede meu desejo
Se em quimeras, me maldigo e me vejo

Que teu manto negro caia sobre mim
Estilhaçando o pranto, e pondo-lhe fim
Visto que, nem mesmo eu já o suporte

Abstém-me deste peso, tão enfadonho
Cala-me o grito sufocante e medonho
Que só pode suplantar-se com a morte



LEVIANDADE

E tu com todo este teu fútil orgulho
Esta pose ridícula, pensas que é rainha
Não vês que a vida é um mero embrulho
Que a morte acaba, apodrece, define

E tu que pensas que és poderosa
Escarnece e maltrata quem te amou
Sabias que das rainhas, a mais formosa
Apodreceu, quando a morte a arrebatou?

Portanto, acalma-te rainha de araque
Não tens a fórmula no bolso do fraque
Nem tão pouco, és melhor que ninguém

Controla de vez teu orgulho incontido
Quem com ferro fere, também é ferido
Não existe mal que sobreponha o bem



BRASILIDADE

Tendo por meta persistir no analfabetismo
Pois só assim se restringem as opções
Rende-se o povo ao mais ínfimo casuísmo
Manipulados em profícuas eleições

Enquanto a verve da classe dominante
Refestela-se e empanturra-se do erário
A plebe rude feito tal Judeu errante
Indiferente prossegue seu itinerário

Porquanto verbas afanadas se suprimem
Dos proletários os direitos se oprimem
Em vorazes saques ininterruptos

Se no tesouro o rombo cresce sempre mais
Contas prosperam nos paraísos fiscais
Insaciável a ganância dos corruptos



INQUISITÓRIA

Repudiam e criticam a vida que levas
Dizem até que és dama das trevas
Destoam e desfazem de tua labuta
Apontam-te o dedo, reles prostituta

Vadia, rameira, mulher da vida
Em todos conceitos és uma perdida
Uma pobre coitada, imoral, infeliz
Mulher de vida fácil, puta, meretriz

Não sabem porém que o teu valor
Está em tua alma, e não no exterior
É lá onde guardas a tua emoção

Independentemente de tua vida mundana
Embora muitos te tenham na cama
Somente a um, dás o teu coração



CONCEITO

Saudade sentimento abstrato
É dor que dói sem doer
Aonde esta dor dói de fato
Ninguém consegue saber

Saudade não tem cheiro nem cor
Não tem uma forma exata
Só sente quem tem amor
É dor que dói, mas não mata

Saudade é uma palavra só nossa
Pois não há quem explicar possa
Não existe em outro idioma

Saudade é lembrança de alguém
Não interessa de quem
É dor que no peito assoma



ARMADILHAS

Exímia fiandeira, com toda ciência
Tece sua teia, armadilha mortal
Aguarda na espera, total paciência
A presa insensata, o bote fatal

Um simples descuido, o bicho indefeso
Enredado ali está, selada a sorte
Agita-se, esperneia, porém está preso
Sutil diferença, entre a vida e a morte

Assim também são, tortuosos e retos
Pois não é somente, próprio dos insetos
A vida é um eterno perde e ganha

É preciso estar sempre alerta e atento
Se não quisermos, a qualquer momento
Ficarmos também em palpos de aranha



CIBER-NADA

Estranhamente a minha didática
Resguardando toda minha ética
Nos Downloads da informática
Tenho a mente não cibernética

Se o Site é precisamente digital
Desantenido, perco o meu sinal
E entre celulares e computadores
O meu Wi-Fi é repleto de horrores

Proseguindo nas virtuais viagens
Tem os Cliques, E-mails e postagens
E sem noção, persigo nesta pauta

Aí vem o Face, fechando a questão
Seja no virtual, ou na digitação
Em resumo, sou péssimo internauta



ETERNAMENTE ENAMORADOS

O teu amor e o meu
O meu amor e o teu
Parece letra de samba
É a corda e a caçamba

Eu quando estou contigo
Tu quando estás comigo
Não é preciso mais nada
Parece um conto de fada

Amor assim desse jeito
Tão lindo e tão perfeito
Parece d'outro planeta

Nem a morte separa
Amor que só se compara
Ao de Romeu e Julieta



MONARCA

Esvoaçante feliz, sobre os jardins
Por entre rosas, tulipas e jasmins
Sugas o néctar, degusta os sabores
Majestosa és tu, princesa das flores

Faceira bailarina, de lindas matizes
A todas oscula e as deixa felizes
Neste teu assédio, sem nunca parar
Ficam encantadas e se deixam beijar

E por mais flores que esteja repleto
Nenhum jardim é por todo completo
Se ali não deixares a tua doce marca

De eflúvios enleios, gentil e vaidosa
Pois se das flores, a rainha é a rosa
Certamente tu és a bela Monarca



VÓ JANOCA

Vó Janoca, anjo do bem, fostes santa em vida
Em tua simples alcova, repousa teu santuário
Livra da dor, retira a mazela, cicatriza a ferida
Utiliza o poder da oração e do bento rosário

Vó Janoca, face a sorte e a toda peleja
Jamais esmaece por falsas querelas
Sob os preceitos da santa madre igreja
Benze e cura, do sarampo a erisipelas

Vó Janoca, na paralisia da eterna cadeira
Sua fama vai longe, de santa e rezadeira
Não quer paga, fazer o bem é que lhe conduz

Vó Janoca cura dos bons aos algozes
A doença espezinha, lhe traz dores atrozes
Não reclama, não chora, Vó Janoca é de luz



IMPOSSÍVEL

Quero falar mal de ti
Tento, mas não pode ser
É como morrer de sede
Estando perto da água
E não podê-la beber

Te odiar também tentei
Qual nada, foi tudo em vão
Pois o amor insiste, perdura
Assim como água mole
Que sempre ganha a batalha
Batendo na pedra dura

Porquanto quero afastar-me
Acheço-me cada vez mais
Pareço uma corda bamba
Se fosse para comparar
Diria que eu sou a corda
E que tu és a caçamba

Livrar-me de ti não posso
Sou a raposa, tu és a uva
Tenho que me contentar
O destino foi quem ditou
Eu sou a mão, tu és a luva



ENCANTO

Beija-flor, tu és o príncipe das flores
E te inebrias no beijo de cada flor
Quisera eu, que entre tantos amores
Assim ficasse com um beijo de amor

Em cada flor que beija tu encantas
E absorves o puro néctar da paixão
Ao contrário de mim que entre tantas
Permaneço em devaneios de ilusão

Ah! Beija-flor, tu sim que és feliz
Somente beija, não escuta e não diz
És sultão de um harém sempre florido

Ai, quem me dera também ser assim
E que dos amores beijados por mim
Igual a ti, eu fosse o único preferido



ANTAGONISMO

Tentar fazer sempre o bem
Mesmo sem olhar a quem
Não ser como os fariseus
São os preceitos de Deus

Praticar vários malefícios
Trilhar caminhos dos vícios
Quem do crime se apraz
Ao Diabo então satisfaz

Para todo o sempre afinal
Enquanto o bem e o mal
Travam uma feroz guerra

Hercúlea e titânica luta
Eternizam esta disputa
Deus e o Diabo na terra



RAZÕES

Aceito sim, não contesto
Teu desprezo, teu desdém
Dizes até que não presto
Não sou o que te convém

Falas que não te mereço
Duvidas do meu intento
Não é digno meu apreço
E fútil o meu sentimento

Sei que não sou perfeito
Mas saibas que a despeito
De assim eu me comportar

Tuas razões eu reconheço
Porém de ti não esqueço
Esse é meu jeito de amar



SONETO PARA MANUELLA

Que és bela, tenho eu toda certeza
A certeza de que realmente és bela
Pois irradias a inocência e a pureza
Salve! Salve! Princesinha Manuella!

Anjo de luz, és um arauto de esperança
Viestes assim, de uma forma tão singela
Divinal rebento, querubim, linda criança
Salve! Salve! Princesinha Manuella!

Tua presença, só nos enche de alegria
O teu olhar é suave luz que alumia
O teu sorriso é tal qual linda aquarela

Nos arrebatava e nos enche de emoções
És tu a rainha dos nossos corações
Salve! Salve! Princesinha Manuella!



VISGO

Ainda tens o mesmo viço
De quando te conheci
Lançaste o teu feitiço
E me apaixonei por ti

De forma bem repentina
Eu comecei a te amar
Vieste assim de surdina
Não deu nem para notar

E quanto mais eu te vejo
Mais aumenta o desejo
De sentir o teu calor

É como se fosse um visgo
Em tua isca eu me fisgo
Não vivo sem teu amor



PARCEIROS

Paixão é amor sem ter medida
Só sente quem está apaixonado
Quem nunca se apaixonou na vida
Do amor desconhece o outro lado

O amor sem ter paixão é fogo frio
Não arde, não queima, não arrebatava
A paixão é calor, loucura, desvario
Por ela, até se morre, até se mata

Sem paixão o amor não sobrevive
Desfalece no abismo do declive
Se transforma em algo sem valor

Sem amor a paixão é transitória
Só poderá no final haver história
Se unirmos a paixão e o amor



O VELHO TREM

Lá vem! lá vem o trem! Está quase chegando
A molecada o ouvido no trilho encostando
Outro aponta tênue fumaça q'ele vê sozinho
De repente o trem desponta lá no salgadinho

Resfolegando cansado, entra na Estação
Balbúrdia, gritos, aplausos, quanta emoção
Os freios ringem gemendo soltando vapores
Ouvem-se risos e choros de velhos amores

A máquina manobra voltando para o seu lugar
Sabe que amanhã bem cedinho terá que voltar
Levando eu seu bojo corações partidos em ais

O velho trem cumpriu à risca sua triste sina
Mas como tudo que começa um dia termina
Partiu para sempre, não voltou nunca mais



RUSGAS

Quando brigamos, nosso mundo desaba
A tristeza se instala, a alegria se acaba
Vêm à tona mágoas e ressentimentos
Provocações, injúrias, até xingamentos

O melhor remédio é dar tempo ao tempo
Após haver passado o furor do momento
O temporal acalma, logo então se abranda
Nas regras do amor, coração é quem manda

E por não serem assim tão contumazes
As rusgas se dissipam, selamos as pazes
Um pacto natural, próprio de quem ama

Palavras e gestos perdem toda noção
Imperativa é a voz que vem do coração
E o amor se faz cúmplice em nossa cama



BUSCA

Assim como nasce um rio
Pequeno córrego na foz
Vence qualquer desafio
E se torna forte e veloz

Transpõe vales, montanhas
Sem nunca, nunca parar
Singrando terras estranhas
Correndo sempre pro mar

O rio que corre em mim
Na mesma busca sem fim
Me inquieta e me acalma

Busca novos horizontes
Unindo todas as pontes
Inundando minha alma



DESLUMBRE

Se tu fosses uma flor
Um beija-flor eu seria
E o néctar do teu amor
Com avidez sorveria

Se fosses tu uma abelha
Queria ser o teu zangão
Meu amor feito centelha
Te incendiaria o coração

Poderia eu comparar-te
À mais bela obra de arte
Que existe na natureza

E por mais que tentasse
Talvez nunca chegasse
Aos pés de tua beleza



SONETO PARA HERCÍLIA

O dia amanheceu lindo
O sol um belo emissário
Os anjos no céu sorrindo
Hoje é o seu aniversário

O tempo passou voando
Nem mesmo vi o horário
E eu continuo te amando
Hoje é o seu aniversário

Que presente posso dar-te
Já procurei por toda parte
Até mesmo no boticário

O que tenho de mais valor
Você já tem, é o meu amor
Parabéns! Feliz aniversário



PUNGÊNCIA

Estou triste, muito triste
É uma tristeza angustiante
Dessas que somente existe
Em uma alma agonizante

Uma tristeza que angustia
Que aperta e que sufoca
Tal qual fera em agonia
Refugiada em sua toca

E de tão triste esta tristeza
Me causa certa estranheza
E me esconjuro de tal sorte

Uma tristeza assim medonha
Tão fatigante e enfadonha
Faz presumir a própria morte



ACEITAÇÃO

Já que é da boca pra fora
Fica em silêncio te cales
O meu coração te implora
Prefiro que tu não fales

Para que externar emoções
Se no peito a alma padece
Pois o coração tem razões
Que até a razão desconhece

Esforços portanto não meço
Por isso é que eu te peço
Me poupe deste castigo

A esperança ainda persiste
Mas se a paixão não existe
Me deixe ser seu amigo



SEDUÇÃO

É o mar que adentra ao rio
Ou o rio que adentra ao mar
É uma incógnita este desafio
Ninguém consegue explicar

Neste embate aguerrido
De força e de grandeza
Exprime todo o sentido
De luz, magia e beleza

Porém não há explicação
Da indescritível emoção
Que se apodera de mim

Meu coração se faz mar
Lá aonde vai desaguar
Meu lindo rio Camocim



ESCOMBROS

Apenas ruínas, um monte de escombros
Por ervas daninhas, totalmente encoberta
Causando arrepios, espantos, assombros
Sem amor, sem vida, ensombrada, deserta

No entanto, porém, existiu ali algum dia
Aconchego de um lar, repleto de amores
Reinando a paz, o carinho e a alegria
Sem medos, tristezas e sem dissabores

Mas veio o destino, cruel e implacável
Que a tudo arrosta, feroz, indomável
Fez da felicidade, a mais triste quimera

Quem por ali hoje passa, custa acreditar
Que aquela linda casa, que já foi um lar
Hoje é tão somente uma horrível tapera



UTOPIA

Se de repente Deus assim se dispusesse
E sua permissão novamente nos desse
Após a morte para vivermos novamente
Viveríamos de alguma forma diferente

Uma nova chance nos faria repensar
Nossos erros tentaríamos consertar
Abolindo nossos pecados de uma vez
Ou será que erraríamos mais talvez

Não deveríamos confiar em cujo plano
Erros, falhas, são do próprio ser humano
Quem sabe até pecaríamos muito mais

Deixemos assim, bem eis a questão
Certamente esta é a melhor solução
Não sabemos, mas Deus sabe o que faz



RESIGNAÇÃO

Ainda que eu te renegue
Reprimindo o que eu sinto
E por mil vezes eu negue
A verdade é que eu minto

E mesmo que eu repita
Todo o dia e toda hora
Isso ainda mais me irrita
Por ser da boca pra fora

Só agora é que entendo
E resignado eu me rendo
Aos quatro ventos proclamo

Lutar não consigo mais
Se é pra eu ficar em paz
Num brado grito, te amo



PRETEXTO

Na borda do velho poço
Sempre que eu ia olhar
Uma voz dizia seu moço
Também veio água buscar

Eu respondia que sim
Vim minha sede saciar
Mas algo dentro de mim
Começava a despontar

E toda vez que eu voltava
Novamente me indagava
A meiga linda donzela

Porém a minha vontade
Era dizer-lhe a verdade
Que estava louco por ela



VERDADES

Mesmo que um tropeço te derrube
Siga em frente e não pare jamais
Seja firme, tome uma atitude
Não fraqueje não olhe para trás

Mesmo que a vida lhe seja madrastra
Saiba que nunca estará sozinho
Pense, reflita, pare, dê um basta
Mas nunca se afaste do caminho

Da escuridão surge a claridade
E logo após toda tempestade
Vem com certeza a bonança

Sempre cansa aquele que corre
A esperança é a última que morre
Quem está com Deus sempre alcança



PRETENSÃO

Ah! Se eu tivesse um cavalo
No mesmo poria um alforje
E me tornaria um vassalo
Do meu glorioso São Jorge

Seria seu fiel escudeiro
Sem me importar a razão
Ao lado do santo guerreiro
Enfrentaria qualquer dragão

Mas o santo está tão distante
Já que é cavaleiro andante
Não se mete em brigas de rua

Se vencer a dragões foi capaz
Por direito agora quer paz
Sendo assim, foi morar na lua



PROCURA

Não lastime nem lamente
Não amaldiçoe sua sorte
Do contrário, apenas tente
Amar a vida, aceitar a morte

Não impute a ninguém
Os erros que são só seus
E jamais diga também
Que o culpado foi Deus

Se somos donos da vida
Cabe acharmos a saída
Para a nossa realidade

Por entre flores e espinhos
Encontram-se os caminhos
Que nos levam à felicidade



SUPREMO

Senhor, são muitos os que por ti clamam
Porém, existem os que te desconhecem
Há também aqueles que só te chamam
Quando com dores e angústias padecem

Têm ainda todos os que te renegam
Até os que duvidam da tua existência
Outros que tão somente te enxergam
Quando necessitam da tua clemência

E no entanto, estás em todos os lugares
No céu, na terra, nos oceanos, nos ares
Abençoando a todos, crédulos e ateus

Em cada coração, pela fé se faz presente
És onipresente, onisciente, onipotente
O alfa e o ômega, supremo eterno Deus



APITO NOSTÁLGICO

Piuuúíí-Piuuúíí, lá vem o trem
Trazendo alegria e esperança
Um tempo de paz e bonança
Piuuúíí-Piuuúíí, lá vem o trem

Piuuúíí-Piuuúíí, lá foi o trem
Deixou para trás a cidade
Partiu só restou a saudade
Piuuúíí-Piuuúíí, lá foi o trem



TREM DA SAUDADE

O condutor na plataforma acionou o apito
A locomotiva soltou um longo grito
As rodas de ferro gemeram seus ais
O trem pouco a pouco ganhou velocidade
Cada vez mais longe foi ficando a cidade
Para sempre partiu, não voltou nunca mais

Os políticos disseram: é só temporário
Logo mais, em breve, voltará o horário
Qual nada, tudo mentira, só enganação
Tombaram tuas glórias, ofuscaram teus brilhos
Depredaram teu leito, arrancaram teus trilhos
Transformaram em cortiço, a tua estação

Hoje, apenas restam duas saudades
Divididas por si em opostas idades
Dos primeiros, a saudade é bem mais doída
Os segundos, também sentem saudade
De não haverem tido a oportunidade
De não verem a chegada, tampouco a saída



VIL METAL (MT. 19: 16)

Um jovem rico fez esta indagação
Mestre! O que faço para ter salvação
Para que teus pecados sejam isentos
Disse Jesus! Observa os mandamentos

O jovem rico então ao Mestre retrucou
Com certeza a seguinte resposta vos dou
Por este caminho tenho sempre seguido
Aos mandamentos tenho eu obedecido

Ide então! E vende tudo o que tu tens
Distribui aos pobres todos os teus bens
Então segue-me! E terás o teu tesouro

O jovem rico sentiu um profundo desgosto
Uma grande tristeza estampou-lhe o rosto
Porque não poderia viver sem o seu ouro



PASSIONAL

Assim diz o réu para o delegado
A vergonha invade meu peito
Doutor sou um homem honrado
Agi por impulso, não vi outro jeito

Seu doutor, a mulher que eu amava
A quem entreguei o meu coração
Dissimuladamente me enganava
Não suportei ao ver, a sua traição

Tudo que disser, sei não me redime
Nada justifica o motivo de um crime
Mas doutor, na hora eu perdi a razão

Eis-me aqui, que se faça justiça
Mande rezar, para ela uma missa
Peço que Deus, me conceda perdão



BICHO

Que bicho é esse tão pacato e tão feroz
Que oscila entre ser bom e ser atroz
Tão ponderável e às vezes tão insano
Que bicho é esse que se diz dono da terra
E no entanto quase sempre vive em guerra
Esse bicho é um tal de ser humano

Que bicho é esse que afaga e maltrata
E ao próprio semelhante às vezes mata
Às vezes santo e por outras tão profano
Que bicho é esse que mesmo tendo certeza
Que acaba a vida, mas destrói a natureza
Esse bicho é um tal de ser humano

Que bicho é esse que odeia e que ama
Que tem a alma tão pura, quão insana
Umás vezes tão cordato e outras tão tirano
Que bicho é esse que se diz dono do mundo
E que se arvora de Deus ser oriundo
Esse bicho é um tal de ser humano



DESFAÇATEZ

Um amigo a ti indagou
Quis saber como eu estava
Disseste com todo desdém
Que morto me encontrava
Mas eu sei muito bem
Que foi da boca pra fora
Teu coração ainda me ama
Visto que o meu te adora
Sei que é raiva passageira
E quiseste me magoar
Preferiste não dar bandeira
Dizendo ainda me amar
Porém quero que tu saibas
Magoar-me-ias muito mais
Se me amar tivesse dito
Sem sentir amor jamais



MORTE

És maldita quando ceifas a vida
De alguém assim tão de repente
Que no auge do fulgor e da lida
Levas em trágico e fatal acidente

És bendita quando a vida ceifas
Daqueles que a dor não mais suporta
E implora-te em persistentes queixas
Que venhas logo bater-lhe à porta

Há os que te buscam por ignorância
E te antecipam através da ganância
Estás presente em todo genocídio

Porquanto existem os que te maldizem
Outros, lado a lado contigo convivem
Há ainda os que te buscam no suicídio



CONSTATAÇÃO

Mal maior não há no mundo
Que este tal mal de amor
Dentro do peito, lá no fundo
É aonde dói, esta tal dor

Já fui vítima dessa cruel dor
Fez morada dentro do peito
Tomei remédio, fui ao doutor
Perdi tempo, não houve jeito

Só hoje é que descobri
Depois então que me vi
Perdido no próprio tédio

Que só o tempo pode curar
Enquanto o amor perdurar
Não existe outro remédio



DISCREPÂNCIAS

Bravios piratas
Naus Espanholas
Navios negreiros
Homens primatas
Doces carambolas
Infiéis estrangeiros
Trazem em seu bojo
Escondem no alforje
Mulheres com nojo
Devotos de São Jorge
Versos de cordel
Poesia ou prosa
Tango de Gardel
Vida cor-de-rosa
Tempo amealhado
Fontes de ilusões
Luzes da Ribalta

Tentáculos do passado
Súcia, corja, malta
Discípulos de Camões
Déspotas da luxúria
Premonição da loucura
Filhos da ditadura
A salvação do pecado
Sementeira em flor
Néctar do dissabor
Palhaços sem picadeiro
O paraíso da dor
Tal fio da navalha
A morte que nunca falha
Todo poder do dinheiro
A medalha e o troféu
O paraíso no céu
É de quem chegar primeiro



SAUDADES

É noite, a chuva, o vento,
No negro céu com clarões
A uivar febril lamento
No ribombar dos trovões
Povoam meu pensamento
Cheio de recordações

Recordo-te e a saudade
Em mim retrata a imagem
De ti, querida cidade
Qual uma linda miragem
Das tuas praias de areia
De tua beleza sem par
Quando a luz da lua cheia
Se derrama no teu mar

Sinto saudades dos campos
Que te perfumam o ar
E a noite os pirilampos
A ti parecem enfeitar
Com suas luzes brilhantes
Bailam felizes a piscar

Como é bonito teu mar
A se perder no horizonte
E os coqueirais a pairar
Nas areias de teus montes
Parecem de longe acenar
Um longo aceno de adeus
No vento que vai levar
Ao peito dos filhos teus

As tuas ruas modestas
O teu céu cor de anil
Refletem brilhos de festas
De tua índole febril
Relembra lindas serestas
Recanto do meu Brasil

E longe fico a cismar
Na alma chora a saudade
De logo querer voltar
A rever-te linda cidade.
E quando não mais puder
A vontade conter em mim
Esteja eu onde estiver
Voltarei a Camocim.

FESTIVAL DE VIOLA

Festival de viola
É como moça bonita
Que passa se rebolando
E enquanto vai passando
O povo todo se agita

É bonito de se ver
O dedilhar da viola
O povo todo aclamando
E o poeta por desmando
Tirar versos da cachola

Tem mote de todo tipo
Rima rica, rima pobre
E do homem rude sem jeito
A poesia aflora ao peito
Para torná-lo num nobre

Do repente de um poeta
Sempre surge uma verdade
Atinge a moça plebeia
Comove toda a plateia
Faz do herói um covarde

A arte do improviso
Não se aprende na escola
É coisa que n'alma adentra
E que só então se arrebeta
No dedilhar da viola

Viola e violeiro
Dupla mais que perfeita
Ele sem ela não fala
Ela sem ele se cala
Um ao outro não enjeita

Quem ainda não conhece
A poesia e o repente
Não viu ainda a verdade
Não leu do livro a metade
Pra saber como se sente

A viola e o violeiro
Para sempre existirão
O violeiro é o talento
E a viola é o alento
Para quem tem coração

RECRUDESCIMENTO

Se sou mesmo o verdugo
Da minha própria agonia
Lágrima alguma enxugo
Num sombrio manicômio
Pus minha vã distonia
E na amplidão do reverso
Em fluidez pandemônio
Abdiquei do meu verso
Na sensatez do espelho
Como se um anjo perverso
Se refletisse em demônio
Um ser bizarro e vermelho
Indiferente a tal sorte
De pragas e de injúrias
Debocha e zomba da morte
Em gargalhadas de escárnio
A língua esquelética resvala
Dolentemente em lamúrias
A vida em si reverbera
A essência podre que inala
E fortemente escarnece
Como se fosse quimera
Cada vez mais se esvaindo
Ponto final do destino
Negando o próprio crime
Que emudece assistindo
Não acusa e nem redime
Pobre de mim peregrino



OS 7 CAPITAIS

Um despropósito sem nome
Aquele que a própria fome
Por mais que tente não anula
Quanto mais come, mais quer
Repete o mais que puder
Este é o pecado da GULA

Quem despreza e escarnece
De tratar bem se esquece
Agindo assim com certeza
Demonstra um lado horrendo
Acaba assim cometendo
O pecado da AVAREZA

Aquele que é vaidoso
De porte altivo e jocoso
Aos outros olha de lado
Não se iguala a ninguém
Este certamente tem
SOBERBA como pecado

Naquele que predomina
Desejo que não domina
Por mais que traga penúria
Por prazer tudo promete
Com toda certeza comete
O pecado da LUXÚRIA

Aquele que não trabalha
Não produz nada que valha
Leva uma vida omissa
Agindo assim sai perdendo
Está também cometendo
O pecado da PREGUIÇA

Quem age sem prudência
Não promove a paciência
A cólera sempre na mira
Não desculpa não perdoa
Certamente essa pessoa
Tem o pecado da IRA.

Quem deseja o que não tem
Prejudicando a alguém
Para ser beneficiado
INVEJA está promovendo
Acaba então cometendo
Este gravíssimo pecado



VELEIRO

É vento de veleiro
 É sol de beira mar
 É vestido de Maria
 É calor que vem de lá

Pro alto mar, de manhã
 Vai bem cedinho
 Vai à procura do que não
 deixou por lá
 Vai rebuscando
 A saudade vai gemendo
 Mas mesmo assim
 É bem melhor do que ficar

É vento de veleiro, pois é
 E o veleiro foi... será
 Será se vai voltar

Já é bem tarde
 E o sol baixar não custa
 Vento terral sopra vindo
 Lá do mar
 Vela enfunada aparece
 Tão formosa
 E as saudades de Maria
 vem matar

É vento de veleiro, pois é
 E o veleiro vem... será
 Será se vai voltar

É vento de veleiro
 É sol de beira mar
 É vestido de Maria
 É calor que vem de lá.¹

¹ Música classificada no 1º Festival de Música de Camocim.



METAMORFOSE

Os lamentos de um som
Tocaram meu rosto
Os lamentos de um som
Encheram minha alma
Os lamentos de um som
Lamentaram assim
Os lamentos de um som
Disseram pra mim

Vida, vida minha, vida dela
Parece chama acesa na janela
Essa metamorfose feito sol e feito lua
Unindo a minha vida
A minha vida a tua

Pois o teu corpo pra mim é como o sol
O teu sorriso me prende e me fascina
O teu olhar brilha mais que da estrela
E o teu corpo tem perfume de bonina

O teu andar mexe com minha cabeça
O teu sorriso me prende e me domina
Criança moça querendo ser mulher
Mulher faceira com sorriso de menina.²

2 Música classificada no 2º Festival de Música de Camocim.



DIÁLOGO

Então? Pergunta o tempo ao vento
Aonde começa o teu desalento?
Para que serves? O propósito final
Se estás calmo, traz paz e bondade
Se te agitas, és fugaz tempestade
É este o teu porvir? O teu ideal?

O vento então, ao tempo responde
Começo nem mesmo eu sei aonde
Meu propósito porém, irei te falar
Sou o sopro de Deus, o ar que dá vida
O início da chegada, o fim da partida
Entre o tudo e o nada, meu ideal é salvar

O vento ao tempo, pergunta então
Responda-me amigo, por qual a razão?
Estás sempre correndo, sem nunca parar
Nunca retrocedes? Não paras jamais?
Tampouco perdoas, os que ficam pra trás
Qual a tua missão? Que me hás de falar?

Ó vento amigo! Respondo-te agora
Sou passado presente, o futuro d'outrora
Se paro um instante, acaba-se a vida
A todos ofereço parcelas iguais
Prevalecem porém, os que sabem mais
Sou o senhor da razão, a verdade incontida



SOU

Sou uma gota d'água no mar
Sou uma folha seca no ar
Que se deixa levar pelo vento
Sou um elo que une correntes
Sou uma entre mil sementes
Sou um traço no risco do tempo

Sou farol que acende e apaga
Sou o vento que na noite vaga
Varre os campos à luz do luar
Sou uma fresta de claridade
Sou um barco que na tempestade
Sobe e desce na fúria do mar

Sou uma nuvem a vagar no céu
Sou a pedra que anda a léu
Sou uma estrela lá no firmamento
Sou a frágil chama da vela
Que acesa por sobre a janela
Se apaga a qualquer momento

Sou uma tábua de salvação
Sou a arma empunhada na mão
Sou uma ponte entre o bem e o mal
Sou água pura jorrando da fonte
Sou a neblina no pico do monte
Sou lodo fétido do lamaçal

Sou um oásis em pleno deserto
Sou a certeza do que está incerto
Sou a verdade da ilusão
Sou um herói acovardado
Sou a pureza de todo pecado
Sou o problema da solução

Sou a correnteza de um rio
Que corre por horas a fio
E no mar vai desaguar
Sou a linha do horizonte
Sou água embaixo da ponte
Sou o tempo que existirá

Sou as curvas da estrada
Sou tudo e não sou nada
Sou a mão que dá adeus
Sou o fruto da alegria
Sou o sol do meio-dia
Que brilha louvando a Deus





CRÔNICAS





O ILUMINADO

No ano de 1931, na localidade de Boqueirão dos dourados (interior de Camocim), nascia o filho do sitiante e agricultor, José Inácio dos Santos (Zeca), e Joana Laurindo dos Santos (Janoca), o primogênito de uma prole de cinco irmãos, recebendo por nome de batismo – Expedito Inácio dos Santos.

Homem afeito ao trabalho, de poucas posses, Zeca Inácio tirava o sustento de sua família da roça e da criação de animais: galinhas, patos, porcos, carneiros etc. Somava-se às suas atividades, o comboio. Como naquele tempo não havia condução motorizada, tudo era na tração animal. O comboieiro era na verdade um mascate, pois levava no lombo de mulas de carga, jumentos, cavalos etc... grande quantidade de mercadorias de variedades diversas e percorria longas distâncias, vendendo nas feiras das cidades vizinhas, bem como em sítios e logradouros. A troca de produtos também era feito do comboieiro.

O comboio do Sr. Zeca Inácio percorria a região de Camocim, Granja, até a serra da Ibiapaba, passando por inúmeras localidades, parando aqui e ali. Da saída a chegada, levava em média quinze dias, dependendo das condições de tempo e outros imprevistos no decorrer da viagem.

Logo que o filho primogênito – Expedito – completou idade suficiente para ajudar (sete anos), passou a fazer parte desses comboios juntamente com o pai e comitiva, não obstante, ajudasse também na labuta da roça, no manejo com os animais e até nas noites de pesca de carás, lambaris e curimatãs no lago do Boqueirão, que ficava praticamente no quintal da casa. Alimento que ajudava na dieta da família.

Quando já adolescente e continuando com sua labuta e afazeres que aumentavam com a idade, chegou por aquelas bandas, vindo do sul, um



tal mestre Rodrigues (professor), que resolveu montar uma escolinha para alfabetizar os jovens daquela região. O então mancebo Expedito conseguiu uma vaga na referida escola, com um tremendo esforço, pois tinha de contrabalançar seus afazeres com os estudos, chegando a fazer até a quinta série, o que muito o ajudaria durante a vida.

O certo é que o rapaz, ao completar dezoito anos, livre do jugo dos pais pela maior idade, decidiu não continuar na roça como era de se esperar, pois não tinha vocação para tal atividade. Já possuidor de algumas criações e alguns cobres (parcas economias que de há muito vinha fazendo), uma pequena ajuda dos pais e sua bênção, veio então para a cidade (Camocim) tentar o comércio. Militou no ramo, sozinho por algum tempo, para conseguir experiência, depois se tornou sócio de um abastado e experiente comerciante. Somente após alguns anos desfez a dita sociedade e estabeleceu-se por conta própria no mercado público de Camocim.

Saltemos adiante no tempo para já encontrarmos o Sr. Expedito Inácio então casado com a jovem Maria Adelaide dos Santos, esposa fiel e dedicada, natural desta cidade, com uma prole de quatro filhos, dos quais este cronista é o primogênito.

Corria o ano de 1968 (tinha eu sete anos). Lembro-me perfeitamente do meu pai saindo todo dia de casa às cinco horas da manhã para a bo-dega no mercado público, voltando ao meio-dia para o almoço, saindo logo em seguida, só então retornando às dezoito horas, quando o mercado fechava as portas. Por ser o mais velho, levava-me com ele para que fosse aprendendo e o ajudasse, perguntando preços nos armazéns, levando recados e trazendo para casa o que precisasse. Isso me foi de muita valia.

Foi por esse tempo que meu pai resolveu construir a tão sonhada casa própria, até então morávamos de aluguel. Para isso, comprou um lote de terra na rua da Independência (endereço atual), iniciando a construção.

Foram longos meses de trabalho e privações, visto que os recursos eram poucos. Até que enfim chegou o tão esperado dia. A mudança foi feita no velho caminhão FORD – 1965 (olho de sapo), do Sr. Izaías, figura típica, pois por mais urgente que fosse o frete, nunca ultrapassava 30





km/h. Chegamos à tardinha. Naquela época, a rua não era pavimentada e a energia vinha da velha usina (a motor). Rara era a residência onde havia luz elétrica; a grande maioria era mesmo à base de lamparina a querosene, ou petromax (espécie de farol com manga de vidro e camisa incandescente). Feita a mudança às pressas, pois logo escureceu, nos acomodamos para passar a noite.

Ao amanhecer, despertei extasiado para o primeiro dia em nossa nova e tão sonhada casa. A casa era composta por uma sala (adaptada para ponto comercial), logo após o quarto, sala de visitas, sala de jantar, cozinha, banheiro e quintal; estava apenas levantada, sem reboco, piso morto (no tijolo), semiacabada. Mas estava coberta (teto) e tinha portas (as da frente e parte de trás), isso era o suficiente, pois urgia sair do aluguel, já que a renda familiar estava defasadíssima. Quanto ao acabamento, seria feito com a gente morando na casa, com calma, de acordo com as posses.

Mal o dia começou e lá estávamos todos nós, meus pais e o resto da família (principalmente eu, por ser o mais velho), cada um ajudando à sua maneira, para arrumar os poucos móveis e demais tralhas que toda família, por mais pobre que seja, possui. O Sr. Expedito cuidava de arrumar a bodega (sala) com o pouquíssimo estoque que sobrou da outra do mercado, pois tudo investira na realização de seu sonho, o novo lar. Enquanto isso, minha mãe, entre gritos e ordens, comandava a arrumação, ao mesmo tempo preparava o nosso primeiro almoço.

As horas passaram neste feliz dia. Chegara o momento da nossa primeira refeição juntos, pois o café da manhã, em se tratando de crianças, é descontraído. Era pois, o primeiro almoço em que todos estavam reunidos à mesa.

Sentamo-nos em nossos lugares, meu pai ocupando a cabeceira (sala de janta). Posta a mesa, seu Expedito pediu que nossa mãe tomasse seu lugar, olhou no relógio (era meio-dia e dez minutos), antes de iniciarmos a refeição, levantou-se e fez uma prece de louvor e agradecimento a Deus, pedindo graças para nosso novo lar, e agradecendo nossa primeira refeição. Todos nós estávamos em profundo silêncio. Ao terminar a oração, ele olhou para nós, deu-nos sua bênção e ordenou que começássemos a comer. Assim que se sentou novamente e íamos realmente



iniciar a refeição, a sala foi inundada por uma luz brilhante que surgiu do nada e nos cegou instantaneamente, ofuscando com imenso brilho todos ali presentes.

É quase indescritível o que ali aconteceu, levando-se em conta a rapidez, pois não passou de alguns segundos. Foi como se vários espelhos refletissem a luz do sol, ou se como milhares de flashes fotográficos explodissem de uma só vez. Ficamos estupefatos, atônitos mediante tal fenômeno.

Éramos crianças. Passado, pois, o primeiro impacto, perguntamos ao nosso pai – Que houve? – Que aconteceu? Nossa mãe acompanhou nosso coro, indagando: - O que foi isto?

Ele (meu pai), simplesmente parecendo haver compreendido ser resposta divina (com certeza era), disse-nos apenas: - Não se preocupem, vamos comer!

A vida continuou; a mercearia (bodega) prosperou. Ficamos tomando conta. Meu pai reabriu outra no mercado público, ampliou a casa, criou toda a família.

Seu expedito se aposentou aos cinquenta e cinco anos, por tempo de serviço, porém continuou em sua bodega no mercado público, pois amava o que fazia. Aos oitenta anos, com o surgimento dos primeiros sintomas de Alzheimer, teve de se afastar.

Partiu para os braços do Pai Celestial, aos oitenta e sete anos, em seu leito, cercado pelo carinho e afeto dos filhos presentes. Como disse o apóstolo Paulo - combateu o bom combate e guardou a fé - indo ao encontro de Deus, com o semblante sereno, daqueles que praticam o bem e promovem o amor, e a caridade. Deixando aos seus filhos o legado de uma vida exemplar, totalmente dedicada a Deus, e à família.

Seu EXPEDITO, meu pai! O ILUMINADO!



PREDESTINAÇÃO

A chama da enorme lamparina tremeluzia, protegida do vento pelo muro do galpão das docas do cais do porto de Camocim.

Todos os dias, invariavelmente ao entardecer, quando o sol descambava no horizonte, na hora do lusco-fusco, ali naquele local, na praça da estação ferroviária, funcionava o tradicional café da Chichica. Um fogareiro sempre aceso, as brasas crepitando, o cafezinho sempre quentinho, tapioca, bolo, e claro, não poderia faltar o litro da famosa P.O.J. – Pura cachaça serrana – para esquentar os bofes dos notívagos frequentadores, visto que o referido café varava a noite; ali era ponto de referência. Encontro de estivadores, portuários, pescadores, boêmios, desocupados, biscateiros, prostitutas e demais tipos, que comumente frequentavam a orla do cais do porto.

Corria a década dos anos quarenta e as atracções de navios no porto eram constantes, o serviço portuário funcionava a todo vapor, a movimentação de estivadores, marinheiros, além de pescadores, atravessadores, carregadores etc. Complementando tudo isto, ali na mesma praça, ao lado das docas, ficava a gare do trem de passageiros e cargas, que todos os dias saía às cinco da manhã com destino à capital, retornando à tardinha. Era este o panorama da frenética movimentação que vivia esta cidade na citada época. Durante o período noturno, toda aquela área do cais comercial concentrava grande quantidade de bares, botecos e, principalmente, cabarés, redutos de prostitutas, quengas, raparigas, mulheres da vida, putas, nomes usados no linguajar da época em questão.

Era no café da Chichica onde as novidades, boatos, mexericos, fofocas chegavam em primeira mão, entre elas, uma de grande relevância era quando da chegada de novas aquisições nos cabarés. Quengas novas provenientes de outras cidades, ou mesmo do interior, pois era muito comum



mocinhas procurarem os ditos antros de prostituição, ou por condições sociais precárias, ou pelo fato de haverem sido expulsas de casa pelos pais, por terem perdido a virgindade, entre outros fatores. Não existindo outras alternativas, submetiam-se fatalmente à prostituição; os cafetões e cafetinas estavam sempre à espreita e alertas, as acolhiam, pois mercadoria nova - carne fresca - era sinônimo de bons lucros.

Ali em toda a área do cais existiam vários destes estabelecimentos, destacando-se alguns: Cabaré da Matilde - Cabaré da Tonilda - Cabaré da Zilda - Cabaré da Loura. Geralmente eram conhecidos pelo nome da proprietária - madame. Existiam também alguns com outras denominações: Toca do Galo - Madrugada - além do mais famoso - O Terra e Mar. As putas também tinham nomes peculiares, as mais famosas - Lúcia Biquara, Volcora (corruptela do nome do peixe Abalcora) - Rita Beição - Pilombeta - Maria Cação - Zefa Caçoeira - entre outras.

Voltando ao café da Chichica, naquela noite comentava-se que havia chegado no cabaré da Zilda uma rapariga novinha, vinda do interior. Pertencia a uma família muito pobre, por motivo de ter perdido a virgindade, foi expulsa de casa pelo pai, sem ter condições, vendo-se sozinha, desamparada, não teve outra saída, vindo parar irremediavelmente no prostíbulo, o que na época era normal e aceitável. O que chamava atenção de todos, especialmente neste caso, era que a dita cuja, Maura - seu nome - era uma anã, com todas as características próprias da espécie.

Este fato em questão era um forte motivo para aguçar ainda mais a curiosidade de todos, os comentários se espalharam por todo o cais feito rastilho de pólvora. Não se falava outra coisa, o assunto era a chegada da nova quenga, a anãzinha Maura. Todos queriam vê-la. Eis que de repente, Maura, acompanhada de duas putas veteranas, aparece no referido café.

Logo se formou uma pequena multidão ao seu redor, todos curiosos em ver e saber mais sobre a tão comentada anã. No meio da turma, um pescador conhecido como Chicão Pé-de-Mesa a indagou: - Me responda, sendo você assim tão pequena, tem certeza que dá conta do recado? Aguenta um homem assim do meu tamanho? Chicão Pé-de-Mesa era um negrão de um metro e oitenta de altura, pesava noventa quilos, comentava-se entre as quengas que o apelido "Pé- de-Mesa" era uma



alusão ao tamanho exagerado da estroenga do mesmo (Pênis). Maura não se perturbou, o olhou de baixo para cima e respondeu calmamente: - Moço, sou uma mulher igual a qualquer outra, a diferença está apenas na altura, mas isto aqui (e com a mão espalmada, bateu em cima da genitália) é do mesmo tamanho de qualquer uma, o que elas fazem, também faço do mesmo jeito, talvez até melhor.

Chicão Pé-de-Mesa retrucou: - Pois vamos tirar isso a limpo é agora. Vamos ver se você se garante! Ato contínuo, a levou para o cabaré onde ela estava lotada, no que foi seguido por várias pessoas, curiosas para saberem o desfecho do caso. Ao chegarem no cabaré, entraram no quarto. Todos os presentes ficaram na expectativa, e enquanto aguardavam, teciam os mais diversos comentários:- Será que ela estava falando a verdade? Outro: - Eu acho que ela não vai aguentar! Vai desistir. Mais alguém: - Qual nada, ela é igual a qualquer mulher, tamanho não é documento. Uns afirmavam que sim, outros que não, até apostas foram feitas.

De repente, a porta do quarto se abre, eis que os dois, Chicão Pé-de-Mesa, e Maura, saem sorrindo. Todos indagam ao mesmo tempo: - E aí? - Como foi? A quenginha se garantiu? Chicão Pé-de-Mesa fez um gesto pedindo calma e falou: - Meus amigos, a baixinha é bem melhor que muitas grandonas que tem por aí. Está mais que aprovada. Todos aplaudiram. Chicão Pé-de-Mesa disse: - Vamos comemorar o batismo da nova quenga. Convido a todos para uma rodada de cachaça por minha conta.

A partir desta data, Maura ficou famosa e era requisitada pela maioria dos homens. Todos queriam experimentar a anãzinha, que se gabava de ser como qualquer outra mulher, e realmente provava ser.

Os anos se passaram, o porto foi desativado, os cabarés e prostíbulos desapareceram. Maura, desgastada, tanto pela idade, como também pela vida sofrida, as noites insones, a bebida, o fumo, enfim, por tudo que exige a penosa profissão. Sem mais opções, Maura virou alcoólatra, maltrapilha, mendigando a própria sobrevivência, sofrendo todo tipo de humilhação, até que a morte a aliviou do seu penar, arrebatando-a para o justo descanso dos injustiçados.

LOBISAGEM

Quando participei do III encontro denominado “Povos do Mar”, no SESC de Iparana – Caucaia, conheci mais amiudamente alguns dos Mestres da Cultura Cearense, título merecidamente outorgado a homens rudes e simples: pescadores, artesãos, poetas, repentistas, vaqueiros... mas, que mesmo na rudeza e humildade, no decorrer de suas vidas, muito contribuíram para a formação moral, cultural e ética em prol de suas comunidades, através da pragmaticidade de seus exemplos de vida.

Presentes estavam: Mestre Assis Honorato – Capataz da Colônia Z-12, representante da comunidade dos “Estevão”; Mestre Antonio Eduardo – filho da precursora na arte com areias coloridas em garrafas de vidro da praia de Majorlândia ; Mestre Chico Capoeira – cantor e animador do grupo de coco raízes do Iguape; Mestre José Oliveira – Mestre do tesouro vivo das culturas cearenses. Fui como palestrante e dividi a mesa com os quatro acima citados. Confesso que fiquei tuteantemente confuso, não por não saber minha fala, mas sim, pela enorme simplicidade e carisma que emanava de suas presenças.

Durante os cinco dias de encontro, tive oportunidade de conhecê-los melhor. Um deles, Mestre Assis, nos intervalos dos trabalhos, sempre vinha ao meu encontro, era um exímio contador de estórias. Numa delas, contou-me que quando mais jovem, trabalhou embarcado em navios, como estivador, e que deu porto várias vezes em Camocim. Disse-me mestre Assis, com toda riqueza de detalhes, que nos vários portos do Brasil, onde os navios em que trabalhou atracavam, o porto de Camocim só perdia para o porto de Santos, nos atributos: – movimentação, comércio, escambo e diversão. Mestre Assis citou alguns dos vapores em que trabalhou – Aratanha, Rio Piancó, Camocim, entre outros. Geralmente, os navios traziam mercadorias variadas – cereais, enlatados, bebidas, e voltavam abarrotados do nosso precioso sal.

Eu, na ânsia de querer saber mais sobre a época, instigava Mestre Assis, que não se fazia de rogado. Disse-me ele que numa dessas atracagens, geralmente demoravam uma semana, dependendo da carga (tonelagem) do navio, Mestre Assis, a exemplo dos demais companheiros, após duro dia de trabalho, à noite ficavam livres, “e a noite era uma criança”, termos do próprio Mestre. Pois o cais do porto era só animação: jogos de azar, caipiras e pretinhas, bares, botecos e botequins, servindo desde café com tapioca e outras iguarias ao aguardente de cana, famosa serrana. Porém, o mais apetitoso eram as secretárias da beira do cais, moças dama ou da vida, prostitutas, quengas, raparigas, que com suas roupas insinadoras e provocantes esgueiravam-se como cobras, num requebro lascivo e sensual, prometendo o céu em forma de prazer àqueles homens rudes pelo trabalho pesado, mas de almas carentes de afeto e amor. Complementou Mestre Assis que esta movimentação era extensiva a toda a área portuária do cais, incluindo o famoso bairro dos coqueiros, onde ficavam os tradicionais cabarés, com suas mesas, bebidas, madames, prostitutas, cafetões, findando em pequenos cubículos, com catres imundos, onde após a paga, seguida de latente gozo, tudo voltava à normalidade.

Disse ainda Mestre Assis que dentre eles (estivadores), existia um maranhense conhecido por Pedrão, cabra corpanzudo, alto e destemido; gabava-se de não ter medo de nada deste mundo, nem do outro também, que fosse sobosso de alma, visagem ou coisas do tipo, pois confiava tão somente em sua coragem, força, destreza e na sua inseparável lambedeira de vinte e quatro polegadas (peixeira).

Acontece que andava correndo um boato que ali naquelas imediações, após a meia-noite, estava aparecendo um bicho atacando as pessoas, muitos dos que se aventuraram, foram atacados, e por pouco escaparam após desabaladas carreiras. Todos juravam unanimemente que a tal aparição era um lobisomem. O certo é que ninguém aventurava-se nas horas ermas por ali passar, e quando se ia, ia-se de turma, armados com facões, paus, pedras... O caso é que Pedrão tinha um chamego com uma quenga que era lotada num cabaré no bairro dos coqueiros. À noite, Pedrão tomou um banho, vestiu sua melhor roupa, pôs na cintura a inseparável lambedeira, como ele gostava de chamar (faca tipo peixeira, vinte e quatro polegadas), tomou uns goles da famosa serrana no botequim da chichica



e foi saciar a sofreguidão de seus desejos nos braços de sua amada. Os companheiros desde cedo o advertiam: - Olha o lobisomem! Dizem que o bicho é valente! Pedrão, apenas respondia: - Ele que venha!

O cabra era mesmo destemido, pois não é que foi sozinho! Lá desfrutou de tudo, bebeu umas cervejas, dançou maxixe, gafeira e terminou no muquifó num gozo desvairado e reconfortante. Pedrão, depois de satisfeito, atinou para as horas, era madrugada, tinha que chegar ainda com tempo para descansar, pois a lida era pesada e começava logo ao raiar do dia. Despediu-se da dita cuja e saiu rumo às docas, era um trajeto curto, mas Pedrão resolveu encurtar ainda mais e veio cortando por entre os trilhos. Na época, não tinha energia elétrica e a noite estava escura, porém Pedrão estava acostumado, conhecia o trajeto palmo a palmo, vinha feliz, assobiando baixinho, quando de repente ouviu vindo por detrás de uns vagões abandonados um barulho estranho. Parou, olhou, nada. Pensou, “talvez seja o vento”, continuou. Agora o barulho vinha da parte frontal e aumentava cada vez mais. Pedrão nunca em sua vida ouvira coisa igual, parecia guincho de porco, misturado com rosnar de lobo. Pela primeira vez Pedrão sentiu os pelos do corpo eriçarem-se, uma raiva descomunal dele se apoderou, Pedrão fincou os pés no chão e gritou: - Seja lá o que for, pode vir!

O animal que Pedrão viu de relance, face a escuridão da noite, veio para cima dele com garras e presas para devorá-lo, só que Pedrão não era cabra molenga, desviou-se de um salto das garras que vinham destinadas ao seu pescoço, mesmo assim, atingiram seu peito, embora de raspão, destroçando o tecido da camisa e sulcando sua pele. O sangue brotou. Pedrão ficou cego de raiva, todo medo que pudesse existir, desapareceu dando vazão ao ódio. Sacou da famosa lambedeira, tomou posição e, fazendo uma manobra acrobática, enfiou a faca no bicho. Pedrão sentiu o contato da peixeira ao entrar, num movimento rápido golpeou o animal diversas vezes, no fragor da contenda, não soube dizer quantas vezes o atingiu, nem o tempo que durou tal façanha, só sabe é que de repente ouviu um urro animalesco de estremecer, o Lobisomem cambaleou, e saiu correndo na escuridão da noite, até desaparecer por completo.

Pedrão, estafado e ferido, se recompôs e prosseguiu. Ao chegar, contou o acontecido para alguns colegas que ainda estavam acordados, ou-





tros acordaram e só acreditaram porque viram a faca suja de sangue, bem como os ferimentos sofridos por Pedrão. Arranjaram lanternas, foram até o local do confronto e realmente viram marcas de sangue pelo chão. Na manhã seguinte, o assunto no cais não era outro, senão a estória de Pedrão e sua briga com o Lobisomem. Vinha gente de toda parte, olhar, indagar, tocar os ferimentos no peito de Pedrão, que inclusive foi dispensado do trabalho durante três dias, para tratamento. Pedrão sorrindo dizia: - Pois é, eu vinha andando quietinho no meu caminho, foi se meter a besta comigo!? Pode ser deste mundo ou do outro, prova da minha lambedeira! E exibia a faca.

Mestre Assis disse que na hora do almoço, ele e mais alguns amigos resolveram ir até o dito cabaré nos coqueiros, para indagar, e souberam que próximo dali, numa ruazinha, havia morrido um homem esfaqueado. Ficaram ainda mais desconfiados e foram ao dito local. O indivíduo estava lá, na salinha humilde da casa, estirado em cima de uma porta, encoberto por um lençol encardido, supurando sangue em vários locais por conta das perfurações. Ao indagarem à viúva, além de algumas pessoas ali presentes, estes ressabiados parecendo ocultar alguma coisa, negaceavam e apenas diziam: - Ele estava em uma festa, aconteceu uma briga e o mataram, mas não diziam onde foi a festa, quem o matou... enfim, somente evasivas.

Mestre Assis me afirmou não ter dúvidas, nem ele, nem os demais companheiros, inclusive Pedrão, de que não era outro senão aquele infeliz o tal Lobisomem. Certo é que, daquele fatídico dia em diante, naquelas paragens, não mais se ouviu falar em Lobisomem. Tempos depois apareceram outros lobisomens em alguns logradouros da cidade, mas aí, já são outras estórias.

ROUXINÓLICA

Manhã de sábado, o tradicional bar do Grijalba, completamente lotado. Se já o é em dias normais, neste sábado tem motivação especial. Jogo da seleção brasileira valendo pelas eliminatórias da copa do mundo, por sinal, jogo importantíssimo, não fosse só pela pontuação que nossa seleção tanto necessita, ainda por cima, o adversário é nada mais, nada menos, que nossos vizinhos e tradicionais arqui-inimigos - Los Hermanos - Azul celeste - Argentina.

A festa começou cedo, com tudo que tem direito. A turma do pago-de, churrasco, feijoada, muito bebida e animação. Em ocasiões assim, principalmente em se tratando do bar do Grijalba, onde todos se conhecem, praticamente uma irmandade, as horas correm, o tempo voa.

De repente alguém comenta... - Faltam 15 minutos para começar o jogo, está nos comentários. - Liga o telão! Estreia de uma tela plana, 40 polegadas: - Vamos lá, Grijalba! Liga a TV! - Ecoam várias vozes. Incontinenti, Grijalba sempre solícito em atender sua vasta e seleta clientela, desliga o som e liga a televisão. A tela do aparelho acende, mas, imagem que é bom, nada! Só chuviscos.

E agora? Vai outro lá, sintoniza, mexe, nada. Chama o Tadeu! - Tadeu é metido a técnico. Tadeu vai lá, tenta sintonizar, roda, gira, nada. A impaciência vai tomando conta da turma, todo mundo tem uma opinião, é a TV que está com defeito. - Não! Deve ser a antena parabólica que está fora de sintonia. Afinal de contas, o que será?

Os ponteiros não param, faltam apenas 10 minutos para as 17h. O dia já vai morrendo para a chegada da noite, o jogo está começando, mas ninguém quer ir para casa. E agora Grijalba? - O que se faz? - Grijalba é o mais desorientado com o fato. - Ora, ainda hoje de manhã, na

hora do “Bom dia Brasil”, fiz o teste, estava normal. Comentário que é ratificado, por alguns que presenciaram o fato.

Tadeu, como sempre, se apresenta como o salvador da pátria e exclama: - Vou em casa pegar uma TV 14 polegadas, com antena direta. Dizendo isso, pegou seu carro Fiesta e saiu em disparada.

Enquanto isso, alguém sobe as escadas do sobrado para verificar a antena parabólica e ver se há algo desligado. O escolhido foi Chico Almeida, caminhoneiro metido a eletricista, famoso por sua calma. No bar tem de tudo, do médico ao pugilista.

A impaciência toma conta de todos: - Ora, já estamos perdendo o jogo! Calma! Que diabos viu essa TV? O que será que aconteceu? Todos se perguntavam, se respondiam, o tempo voava. Tadeu também voou, já chegava de volta.

Pronto! Vamos lá. Instalou a TV de 14 polegadas, direcionou a antena, e zás... imagem. Apareceu o tão desejado e sonhado gramado verde do Maracanã na telinha do aparelho, bem como, a seleção canarina, verde e amarelo, e a tal azul celeste da Argentina. Gritaria geral, vivas, aplausos etc. Grijalba sentencia: - Calma! Vamos assistir.

Todos tomam seus lugares, jogo difícil, travado, cheio de malícia e catimba, muito próprias, tanto dos nossos jogadores (Brasil), bem como dos hermanos (Argentina).

Mas para nossa felicidade, dos amigos da sociedade bar do Grijalba, bem como, para milhões de brasileiros, nossa seleção venceu pelo apertado placar de 2 x 1, o que não diminuiu em nada o gosto da vitória. Terminado o jogo, é só comemoração, desliga-se a providencial salvadora TV de 14 polegadas, liga-se de volta o som. De repente alguém lembra: - Cadê o Chico Almeida? Todos olham procurando. Não é que o dito cujo está sentado calmamente, mastigando o inseparável palito, como se nada tivesse acontecido!

Grijalba pergunta: - E aí Chico? Todos silenciam aguardando a resposta: Chico, na sua eterna calma, responde: - Com a antena está tudo bem! - E por que não deu imagem? Perguntam várias vozes apreensivas. - É que o danado de um rouxinol fez um ninho bem naquela caixinha



no meio da antena, exatamente onde fica o receptor de sinais do satélite. Tá lá a bichinha, (passarinho) bem acomodada, chocando seus ovos.

Para completar, Paulinho, no auge de um homérico porre, já chamando Jesus de Genésio, mas sempre com a velha mania de em tudo meter o bedelho, exclamou: -Ah! É por isso que lá do biombo (Sobrado onde mora, vizinho ao Bar), toda manhã, eu vejo um casal de rouxinol. Para mim, aquilo foi a deixa. Pois a exemplo da grande maioria, já estava meio truviscado. Falei: - Grijalba, pendura aí a despesa no velho prego de sempre, e passa a régua.





AUTO DE NATAL

A decoração ambiental interior no restaurante era magistral. Motivo natalino: guirlandas, sinos; uma belíssima árvore de Natal, em um dos cantos; a tradicional figura do bom velhinho - Noel – não poderia faltar. O piscar das luzes, as mesas recobertas com toalhas de linho branco, ornadas com arranjos florais, taças de cristal, garfaria, pratos, travessas, tudo pronto, preparado para a confraternização natalina.

A noite se fez chegar e o brilho das luzes causava efeitos de um mundo de magia e prazer no semblante dos convidados, que aos poucos iam chegando. Casais com suas crianças bem vestidas, lindas, exibindo suas roupas estreantes. Os adultos procuravam seus lugares às mesas, enquanto as crianças ficavam a brincar, ou no calçadão da Beira-Mar, visto que o dito restaurante situava-se frente ao estuário do rio Camocim, que deságua no Atlântico, contemplando uma maravilhosa vista para a Ilha do Amor. Na parte interna do local, logo na entrada, havia um desses parquinhos feitos para crianças, com balanço, carrossel, escorregador etc. Ali a criançada fazia a festa, sempre capitaneadas pelas mães ou babás, para evitar sujar suas roupinhas, o que nem sempre era possível.

Dentro do restaurante, um grupo regional proporcionava uma deliciosa e discreta música ao vivo. Da cozinha emanava um delicioso aroma de comida. Churrasco, carnes, peixes, mariscos etc. Os convidados chegavam mais e mais, estacionavam seus carros e tomavam seus lugares.

Eu também era convidado, e sentado a uma mesa, tudo observava. As pessoas alegres, bem vestidas, sorrindo, cumprimentando-se, desejando votos de Feliz Natal uns aos outros. Abraços, afetos. Afinal, todos que ali estavam vieram com o mesmo propósito, a confraternização pela passagem do Natal, a festa do nascimento de Jesus Cristo, era portanto natural que todos se mostrassem jubilosos com a significativa data. As





horas iam passando, as bebidas servidas, taças cheias. Vinhos, cervejas, champanhes, refrigerantes, sucos, tudo a gosto. As pessoas iam se soltando, a magia do ambiente totalmente iluminado criava grande comoção que se estampava no rosto de todos ali presentes. Jovens, adultos, senhoras, senhores e crianças.

Ali do meu canto senti um vento frio vindo do mar, levantei, fui até a varanda, no trajeto cumprimentei alguns amigos, ao chegar lá fora, olhei para o céu e verifiquei que estava escuro, encoberto por nuvens, sem lua nem estrelas, o que não era comum naquela época do ano, no entanto, a brisa fria advinda do mar continuava a soprar. Pensei: - Será que vai chover? Resolvi voltar, pois o mestre de cerimônias anunciava que o jantar seria servido. Aquela movimentação própria destas ocasiões, as pessoas famintas se apressam, principalmente as mulheres, que também se preocupam com as crianças, embora essas, na maioria, já estejam empanturradas de salgadinhos, batatinhas, coxinhas etc.

Sentei-me. Quando me dispus a levantar para entrar na fila (Jantar Americano), notei uma correria entre as pessoas, prestei maior atenção e vi algumas crianças forçando a passagem.

Ali próximo do restaurante existe um cortiço de pessoas faveladas, que se abrigam em ruínas e galpões que no passado foram oficinas dos extintos trens. São escombros abandonados tomados pelo mato, que abrigam famílias de indigentes, estes, sabendo que não são bem-vindos, que não conseguem nem mesmo chegar próximo aos restaurantes, usam da artimanha de mandar as crianças no sentido de comover as pessoas. No começo até deu certo, descoberto o golpe, nem as crianças têm mais permissão de entrarem, mas a fome e a necessidade são tantas, que mesmo sendo enxotadas, escorraçadas, elas insistem e ficam na espreita, quando as pessoas começam a se servirem, no auge da agitação, elas (crianças de rua) invadem e se infiltram, pois como são pequenos, fica mais fácil de conseguirem seu intento.

Só que depõe contra essas crianças a enorme diferença social. São desnutridas, maltrapilhas, descalças, se forem meninos, usam apenas um roto calção encardido, se meninas, alguns andrajos também rotos, os cabelos são desgrehados, o corpo sujo, as barrigas são protuberantes, não de alimentos, mas de doenças: verminoses, malárias, anemias, entre ou-



tras. Apenas nos olhos e no coração, são crianças iguais às outras. Aquelas bem vestidas que ali estão, ou em qualquer outra parte do mundo.

São crianças que não conseguem entender porque quando tantas outras têm carinho, brinquedos, roupas elegantes, casa para morar, cama para deitar, colégio para estudar, direito a uma boa saúde, elas nada disso têm, e por isso precisam ficar mendigando, passando por situações vexatórias e humilhantes.

Quando dei por mim, vi os garçons enxotando um pequeno grupo, me aproximei e vi que eram três; um garoto de mais ou menos seis anos e duas meninas, talvez da mesma idade. Os garçons as conduziam – Vamos molecada! Deem o fora! Aqui não tem nada pra vocês! Vamos! Vamos! Ato contínuo, empurrava-os para fora. O garoto, neste instante, fez uma manobra rápida, abaixando-se, passou entre os dois garçons e tentou voltar, os rapazes foram ágeis detendo-lhe, colocando-o para fora, juntamente com os outros.

Eu saí atrás consternado acompanhando, pois minha vontade era de interferir, pedir para eles ficarem e comerem. Sobraria comida. Mas vi que ia causar problemas, pois com certeza a gerência não aceitaria. Foi como me disse o garçom na volta: - Não tem jeito, também fico chateado, mais é ordem do dono da casa, toda festa é a mesma coisa.

Perdi a fome, fiquei ali na calçada, tomando aquela brisa fria vinda do mar, olhando as três crianças, que agora iam em direção à Praça da Estação, passando pelas mesas, interpelando as pessoas, pedindo trocados, restos de comida. Da mesma forma, garçons as rechaçavam, eles corriam, sorriam e também xingavam. Fiquei ali parado, perdido em meus pensamentos não sei por quanto tempo, até que um amigo me chamou de volta.

Retornei. A festa continuava animada, troca de abraços, presentes, amigos secretos, brindes, muitas bebidas, discursos, só eu continuava sorumbático, com a imagem daquelas crianças impregnada em minha mente. De repente ouvi (um dos meus sentidos privilegiados é a audição) um guinchar de freios, aquele barulho do atrito dos pneus com o asfalto, quando o motorista breca bruscamente. Logo em seguida, um baque surdo. Silencio! Agora só a música ambiente do restaurante.



Será que estou ouvindo coisas! - Pensei - Mesmo assim, saí normalmente, sem despertar suspeitas, e dirigi-me à rodovia que cruza a praça na direção que os meninos desceram. Ao me aproximar, notei algumas pessoas correndo, uma pequena multidão se formava em círculo ao redor de alguém caído no asfalto. Me aproximei: - O que houve? Indaguei - Populares responderam: - Foi um carro que veio de repente em alta velocidade, dois dos meninos que iam atravessando conseguiram escapar, mas este não. Olhei e vi, nitidamente estendido no chão, o garoto totalmente inerte, um filete de sangue de um vermelho esmaecido, talvez por conta da anemia, escorria em sua frente. Alguém se aproxima, toma lhe o pulso: - Morreu! Não respira mais. As outras duas crianças choravam abraçadas na calçada e eram amparadas por populares. Comentários: - Quem o atropelou? - Foi um carro branco - Alguém pegou a placa? - Não! Ninguém sabe, nem ao menos socorreu a vítima!

Fiquei não sei por quanto tempo parado, olhando a triste cena. Ele ali sem vida, com seu calçãozinho roto, olhinhos abertos a fitar o infinito, talvez vislumbrando um mundo melhor.

Saí caminhando totalmente confuso em direção ao calçadão, não voltei mais para a festa, depois daria uma desculpa social. Parei na balastrada de frente para a Ilha do Amor e olhei novamente para o céu. Não é que agora, de repente, ficara limpo! Uma pálida lua crescente aparecera, e para minha surpresa, surgira uma estrela brilhante que cintilava sozinha, como se dissesse aos homens de boa vontade que nem tudo está perdido.

Assim como um dia uma brilhante estrela apareceu aos reis magos, levando-os ao subúrbio de Belém, e numa humilde estrebaria mostrou-lhes o salvador do mundo.

Hoje, no dia da comemoração do seu nascimento, ele resgatou uma nova criança para sua legião de anjos. Marcando esta passagem gloriosa com o nascimento de uma linda estrela que brilhará para toda a eternidade.

A tristeza do meu coração cedeu à paz e à conformação.



QUIZÍLIA

Deitado em sua velha e surrada rede, atada no alpendre da sua humilde casa, o velho Luis Possidônio observava o céu daquele mês de março carregado com nuvens escuras, prevendo que a noite com certeza choveria, pois o ribombar do trovão ao longe e o relâmpago abrindo pras bandas do Piauí não falhava nunca, era chuva na certa.

Velho Luizão, como era conhecido, talvez pela sua agigantada estatura, era quase um eremita. Herdara do pai, que herdara do avô, que herdara do bisavô... uma pequena nesga de terra – 20 braças de frente com 60 de fundos - avizinhada de uma quinta (sítio) que se perdia de vista. Propriedade de uma família abastada (os Evaristos), o que há muitas gerações vinha causando intrigas, brigas e falava-se até em crime de morte entre as famílias, embora nunca houvesse sido provado.

Na década de vinte, as referidas terras distavam uns dois quilômetros do centro da cidade, zona periférica, localidade conhecida por “Alto do jiló”. Ali predominavam grandes sítios de coqueiros, bem como quintas de cajueiros, plantas nativas do litoral, até mesmo porque as citadas propriedades ficavam a poucos metros do mar. Somente depois de muito tempo, com a construção da Igreja de São Pedro, veio a urbanização, e atualmente a área compreende o Bairro de São Pedro.

O velho Luizão nascera ali, sendo o primogênito de uma prole de onze irmãos. Família pobre, viviam do sustento da terra e da pesca. Por ser o mais velho, logo cedo começou a lida, ao lado do pai. Ora pescando no mar ou no lago, dependia da época, ora plantando na roça, ora fazendo carvão etc. Tinha de se virar, pois precisava ajudar no sustento da família, que por sinal ficou reduzida, pois dos onze que nasceram, apenas quatro vingaram. Sete a danada da bexiga negra levou (espécie de varíola). Naquele tempo não existiam vacinas, bem como não existiam



anticoncepcionais. Nascimentos eram muitos, agora, sobreviver a doenças como sarampo, varíola, difteria, tuberculose, poliomielite e outras era uma verdadeira loteria, onde apenas os mais sortudos escapavam.

Assim, o tempo ia passando e Luizão sempre trabalhando com os irmãos (coincidentemente todos do sexo masculino). Agora para proporcionar o sustento dos pais, pois já estavam velhos e não mais suportavam trabalhos pesados. Se não fosse de quando em vez, a família sofrer aches e insultos dos vizinhos ricos, que teimavam em querer lhes tomar a mísera nesga de terra que possuía. De imediato respondia: se preciso fosse, iria às armas, pois aquele pedaço de chão era sagrado. Herdado que era dos antepassados, só mortos dali saíam. E não entendiam o porquê dessa insistência dos vizinhos em querer tomar-lhes tão insignificante pedaço de terra, em detrimento aos que possuíam, pois enquanto o deles (Evaristos) compreendia vários hectares, com cajueiros, coqueiros, mangueiras etc., o seu (dos Possidônio) era apenas um lote miserável, onde somente havia dois pés de coqueiros e um de cajueiro, além da humilde casa de taipa. A família Possidônio respondia a qualquer ataque por parte dos vizinhos e estava preparada para “guerra” se preciso fosse.

Assim, entre pendengas e labutas, o sábio tempo passava em sua inexorabilidade.

Os velhos (pais) morreram. Dos irmãos, um casou e foi morar com a família da esposa pras bandas da Serra Grande, os outros três embarcaram em navios – na época atracavam no porto – e se danaram neste oco de mundo, donde nunca mais mandaram notícias. Restou apenas Luizão. Dali nunca arredara o pé. Agora já velho, pois nunca casara, vivia ali na mesma casa. Continuava a tirar o sustento da pequena roça, da pesca, da caça, da criação de umas poucas galinhas e porcos. Como companheiro, tinha o fiel amigo “Gosgoréu”, o cão vira-lata. Assim ia vivendo satisfeito; não era muito dado a conversas, preferindo o isolamento em sua humilde choupana e a companhia das plantas e dos bichos. Por isso, o velho Luizão tinha fama de bicho do mato, eremita, e até gostava, pois assim quase nunca o perturbavam, deixando-o viver em paz.

Mas a vida apronta as suas de vez em quando.

Na sua velha rede, naquela tarde de março, o velho Luizão tirou do bolso uma lasca de fumo, pôs na boca (era seu único vício). Começou a





mascar, ouvindo de longe os trovões, continuou a matutar sobre o inverno, a vida etc. De repente ouviu um barulho do lado esquerdo da cerca que fronteirava com o sítio dos Evaristos. Gosgoréu logo começou a latir, denunciando a presença do inimigo. O velho levantou-se, deu cabo de um facão que estava sempre ali por perto e foi ver o que se passava. Ao aproximar-se do local, notou a presença de uma pessoa. Como as vistas já lhe eram curtas, indagou, enquanto se aproximava:

— Quem está aí? Nada de respostas. Luizão voltou a inquirir:

— Responda!!! Diacho. Quem está aí? Um rapaz de mais ou menos 18 anos, branco, cabelos castanho, bem apessoado, completamente embriagado, respondeu com voz pastosa e entrecortada.

— Calma... Calma, Seu Luizão! Sou eu.

— Vosmecê quem? Voltou a perguntar o velho.

- Cláudio... Cláudio Evaristo! É que cheguei em casa bêbado, meu pai me surrou e colocou-me pra fora de casa... e... eu quero morrer! Por isso vou me enforcar neste cajueiro, disse Cláudio. Luizão olhou e viu que o rapaz trazia em uma das mãos uma corda de manilha enrolada.

— Pois se vosmecê quer morrer, que morra! (Falou o velho). Pro mode, pois, vá morrer noutro lugar! Aqui, é que não! Aí no sítio do seu pai tem mais de mil cajueiros, mode que, vosmecê quer morrer logo no meu, que só tem um?

Retrucou Cláudio:

— Ah! Meu senhor... hic... hic... hic (soluços). Eu não quero mais nada dele, prefiro morrer... neste aqui! (Dizendo isso, foi passando a corda num galho da árvore e armando o laço). O velho Luizão, que não era de muita conversa, e sim de ação, adiantou-se e meteu o facão na corda, cortando-a.

— Moço (rebateu), eu já lhe disse: se vosmecê quer morrer, não tenho nada a ver com isso, mas vá morrer noutro lugar, aqui vosmecê não morre!

O moço respondeu:

— Eu quero morrer é aqui! E novamente laçou o galho. Incontinenti, Luizão cortou novamente a corda. E assim ficaram os dois, nessa pendenga.



— Eu morro é aqui! (Dizia Cláudio e passava a corda).

— Aqui vosmecê não morre! (Dizia o velho e cortava a corda).

Até que chegou o momento em que a corda estava em pedaços, e não dava mais pra laçar o galho, nem mesmo para enforcar um pinto. Luizão olhou vitorioso e ofegante para Cláudio e disse:

— Não falei que aqui vosmecê não morria? O rapaz, por sua vez ainda em alto estado etílico, respondeu:

— Ah, é? Pois vou buscar um cabo de aço ali em casa e volto para mostrar se eu morro aqui ou não! Quero ver o senhor cortar! E dizendo isso, pulou a cerca e saiu cambaleando e lamentando-se rumo à casa, que distava do local uns 150 metros.

O velho nada disse, limitou-se apenas a olhar. Passados uns 15 minutos, irrompe novamente o moço no sítio do velho Possidônio, munido com um rolo de cabo na mão. Ao ver Luizão ali de pé, foi logo falando:

— Está vendo, velho!?! Quero ver agora me impedir. Ao que o velho simplesmente respondeu:

— Está vendo? (Mostrou o cajueiro que estava no chão). Quero ver agora vosmecê morrer neste cajueiro!

O velho Luizão, ainda ofegante, segurava nas mãos um machado... que no intervalo da ida do rapaz à casa, usou para derrubar o cajueiro, restando apenas de pé um toco do caule da infeliz árvore.

O rapaz voltou pra casa e a vida continuou. O velho Possidônio morreu, não deixou herdeiros. Os Evaristos também já se foram. Talvez existam alguns da nova geração.

Os sítios, quintas, terrenos foram repartidos, loteados. Hoje, em seus lugares, existe um bairro superpopuloso (São Pedro), com casas, prédios, comércios, enfim, a cidade tomou conta de tudo. Até mesmo da quizília dos Possidônios & Evaristos.





CASO DE POLÍCIA - PARTE - 1

Sargento Deolindo não conseguia tirar o seu costumeiro cochilo depois do almoço devido ao calor intenso e abrasador, e como se não bastasse, aquela praga de moscas voejando e zunindo insistentemente sobre ele.

Depois de alguns minutos, Deolindo desistiu de lutar contra os malditos e irritantes insetos, e a despeito do calor, se desligou das coisas ao seu redor e começou a pensar consigo mesmo, ou seja, como se diz, “com seus botões”. E ia divagando: - Como a vida é cheia de surpresas, encontros, desencontros e situações. Ora, pois ali estava ele, com seus vividos 53 anos, parecia ter sido ontem, lembrava.

Deolindo, aos dezessete anos, logo após ter servido ao Exército (Tiro de Guerra de sua cidade), sentara praça na Polícia Militar. Na época era bem mais fácil que hoje, existiam mais vagas e era difícil o rapaz que queria enveredar nas forças da PM; as famílias não queriam; hoje é um Deus nos acuda; faltam vagas; Briga-se por elas. Como as coisas mudam com o tempo! Mas Deolindo não se arrependia, sempre fora um sujeito que se adaptava às situações, e na vida policial não foi diferente, militou como soldado vários anos, sempre elogiado pelos seus superiores por bom comportamento, vindo assim por mérito a ser promovido a cabo, o que melhorou um pouco, foi na época em que casou, e ia tocando a sua vidinha, sempre amigo, sem faltar ao serviço, seguindo à risca a disciplina. A recompensa veio quando completou 50 anos de idade, trinta e dois de bons serviços prestados à corporação. Veio a atual promoção para sargento, o negócio agora era outro, melhorara bastante, e agora, aos 53 anos, fora destacado para atuar como delegado (indicação especial) numa cidadezinha do interior, onde agora estava. Se não fosse a saudade que sentia da família, motivada pela distância, só podia vê-los nas fol-





gas, o resto estava tudo bem, pois até mesmo o salário aumentara devido às diárias, além de ser o chefe de polícia local, ter ao seu dispor uma casa, que ao mesmo tempo servia de delegacia, e um efetivo composto de quatro homens; um cabo e três soldados para a devida manutenção da lei e da ordem.

Deolindo se dava por feliz, pois o lugar era relativamente calmo, salvo algumas brigas quando havia festas (forrós), ou em época de festejo, no mais, a tranquilidade imperava. A prefeitura arcava com as despesas de refeições e o aluguel da casa (delegacia). Assim, Deolindo ia tocando a sua vida, além do que, era bastante respeitado pela população. E como faltavam poucos anos para a tão esperada e sonhada aposentadoria, o remédio era esperar. Foi pensando em tudo isso naquela tarde quente, e poeirenta, que o sargento delegado, Deolindo da Conceição, a despeito do terrível e abrasante calor e das malfadadas e insistentes moscas, até que enfim adormeceu.

Não se sabe quantas horas o delegado conseguiu dormir. Mas eis que de repente, foi bruscamente despertado por um alarido de vozes, gritos e impropérios. Levantou-se de chofre, quando já ia perguntar o que acontecia, visto que dormia na segunda sala da casa, sendo a sala da frente onde funcionava o seu escritório e de onde era proveniente a balbúrdia que o fizera acordar. O cabo Armando adentrou e foi logo informando:

— Chefe, está aí uma mulher que parece uma onça! Nunca vi uma assim na minha vida. Já tentei conversar com a dita cuja, mas ela nem sequer me deu atenção, diz que só quer falar se for com o delegado.

Deolindo esfregou os olhos para espantar a sonolência, olhou para o relógio de pulso, que marcava três e quarenta e cinco da tarde, dirigindo-se ao cabo, disse:

— Olhe! Diga para essa mulher que já vou atendê-la, é apenas o tempo de lavar o rosto.

— Certo, chefe! Mas ande logo que a mulher está com a gota.

O cabo se retirou para a sala e o delegado foi até o banheiro na cozinha lavar o rosto para tirar a morrinha da sesta, enquanto ouvia o vozerio alterado de pessoas. A sala da frente da casa, como já foi cita-





da, fazia às vezes de escritório, tinha uma mesa de madeira com alguns papéis, que era a mesa de trabalho do delegado, algumas cadeiras de madeira com assento de couro, para os demais. Deolindo lavou o rosto, vestiu-se e foi ver o que acontecia. Assim que entrou na sala, viu uma mulherzinha magra, pálida, cabelos desgrenhados, um vestido surrado, os olhos eram duas bolas que soltavam chispas de ódio. Não parava quieta, andava de um lado para o outro e falava sem parar. Ao seu lado estava um homem atarracado, feições tostadas pelo sol, mãos calejadas, próprias de quem trabalha no pesado. Estava encostado num canto da sala, calado, não dizia nada, como se estivesse assustado, só observava.

O delegado sentou-se em sua mesa e disse:

— Muito bem! Sentem-se! Por que tanta agitação? O que houve?

O homem sentou-se, enquanto a mulher nem sequer olhou para a cadeira, foi logo dizendo:

— Ói, seu Dotô! Eu vim aqui pro mode dar parte de um safado, cretino, que mora na merma rua, e é meu vizim, que é pra mode ele aprender a respeitar muié direita, mode que eu sou...

Deolindo interrompeu:

— Calma! Vamos por partes! Primeiro me diga o seu nome, de quem a senhora quer dar queixa, e por quê?

Foi ele se calar e a mulher vociferou:

— O meu nome é Celina, seu Dotô, e nun é que lá na rua que eu moro tem um sacripanta de um vizim, um tar de Leocádio, conhecido por Cadinho, pois esse fí num sei do quê, desde que chegou lá na rua, há quage um ano, veve impricano, inventando coisas de eu, e agora cuma se não bastasse, o miserável arranjou uma cadela e colocou na disgrampada o meu nome.

O delegado foi tomado de sobressalto, visto que no comando do lugarejo há quase um ano eram corriqueiras e constantes as arengas e brigas de vizinhos, envolvendo principalmente comadres, meninos, galinhas... Brigava-se por tudo, terminando sempre na delegacia, mas aquela queixa era deveras inusitada. Recobrando-se quase de imediato, indagou:

— Dona Celina! Quer dizer que a senhora veio dar queixa do seu vizinho por que ele botou o seu nome numa cadela?

— A mulherzinha enfurecida, que não parava de resmungar, entabulou o falatório:

— E o sinhô acha pouco, seu dotô? Ói, pro mode que eu sou uma muié casada de respeito, nós tem cinco fí, e mode provar, eu inté truxe o meu homi (apontou para o homenzinho desconsolado, que continuava sentado com cara de assustado), aqui tá ele, é um mosca morta nestas coisas de falatório, mas é um cabra trabaiador na roça, no pesado, veve trabaiando pra sustentar a famía...

Fim da 1ª parte.



CASO DE POLÍCIA PARTE - 2

Deolindo, vendo que a lengalenga ia longe, resolveu interpelá-lo:

— Qual o seu nome?

— Mané Bento, um seu criado.

— Seu Manoel! - Disse Deolindo: - E o senhor, que acha de tudo isso?

Manoel Bento retirou o pé de apoio, pigarreou umas duas vezes, antes de responder. Abandonando a costumeira timidez:

— Ói, seu Dr. Delegado, a minha muié, essa que taí, Celina, é uma muié honesta, trabaiadeira, cuida bem dos fíos, tá certo que é meio arrelhiada. Às vezes, ela se dana inté comigo, mas dessa vez, dotô, inté que a dianga tem razão, ora, pois ponhá um nome de gente num animal, só de picuinha; certo que o pobre do bicho é uma criatura de Deus nosso Senhor. Também não tem culpa do dono que tem, pro mode que eu acho que a muié tem razão pra tanta arreliação.

Celina, que enquanto o marido falava tentava se intrometer, entre-meando palavras, e só era contida pelo olhar severo do delegado, já ia retomar o verbete, no qual foi cortada por Deolindo, que vendo que não adiantava encompridar a história, retomando as rédeas da situação, pediu silêncio e determinou:

— Pois muito bem, dona Celina e seu Manuel. A queixa está prestada e registrada. Já ouvi a sua versão, porém, como a hora já é adiantada - a tarde ia sumindo - e à noite não temos expediente, vou mandar o meu pessoal levar uma intimação ao... Lembrou de perguntar o nome do vizinho, que motivava a confusão: - Como é mesmo o nome do dito cujo, o tal vizinho?

Manoel Bento fez menção de responder, no que foi ferozmente atropelado pela mulher.





— O nome do disgramento, dotô delegado, é um tal de ... _ parou e pensou... — Leocádio Norato, mode que, ninguém conhece o peste assim, só pelo o apelido de Cadinho, e... Mais uma vez o delegado, a interrompeu.

— Bom, está anotado. Fica marcado então para amanhã às dez horas. A senhora dona Celina e o seu Manoel Bento. Vamos ouvir o Sr. Leocádio para resolvermos esta pendenga, embora eu lhe diga adiantado, dona Celina, não existe Lei que possa proibir uma pessoa de colocar o nome que quiser num animal qualquer... Cachorro, gato, macaco, papagaio etc. Mas, está prestada sua queixa e vamos fazer o possível para resolver o seu problema. Até lá, nada de provocações e brigas. Estamos entendidos?

Como sempre, Celina tomou a palavra.

— Espero mermo que o sinhô arrezouva, pro mode que, eu não sei se vou aguentá aquele...

Deolindo não esperou mais. Foi logo se levantando e praticamente colocando-os para fora.

— Bom, então até amanhã!

Os dois saíram, ela falando pelos cotovelos, maldizendo, esculhambando, vociferando todo tipo de impropérios, e o marido, logo atrás, calado, de cabeça baixa, as mãos para trás, num passo mole, de gente doente.

Assim que os dois saíram, o delegado Deolindo olhou para o cabo Armando, que da outra sala a tudo assistia, e balançou a cabeça.

— Aí cabo! O que você achou de tudo isso?

— Olhe, delegado! Eu que já pensei ter visto tudo nessa vida de polícia, e já estou nisso há muitos anos, respondeu o cabo.

— E agora? O que se faz? Não posso prender o tal Cadinho por colocar o nome da mulher na sua cadela. Não é crime! A mulher está brava, e isso não vai dar certo. Meu Deus! Que confusão! Só nos resta esperar até amanhã e seja o que Deus quiser.

Durante aquela noite, Deolindo acordou algumas vezes. O sono lhe fugia. Não conseguia tirar do pensamento, o fato acontecido durante a tarde, e por mais que pensasse, não atinava uma solução definitiva para





o problema. Só restava convencer o tal Cadinho, através do bom senso. E se não fosse possível, metê-lo-ia na cadeia? Não podia. Qual seria a alegação? E mesmo que o prendesse, por um ou dois dias, não poderia prolongar a prisão, visto que o mesmo não praticara crime algum previsto por lei. E assim ficou torcendo para amanhecer e tentar, através da diplomacia, usando de sua autoridade, achar uma solução. No mais, era rezar para que tudo desse certo. Assim que o dia clareou, o delegado Deolindo pulou da cama, tomou seu desjejum, e foi para a surrada máquina de escrever. Ele mesmo bateu a intimação, assinou, chamou um dos soldados e mandou que fosse entregue imediatamente, em mãos. Olhou para o relógio. Eram ainda oito horas da manhã, e o delegado se preparou para o embate, pois precisaria utilizar toda a sua experiência para que tudo fosse resolvido a contento.

Nove horas, e lá estava ele – delegado - sentado em sua mesa de trabalho, surpreendeu-se um tanto nervoso. Besteira, disse para si mesmo. Já resolvera tantas brigas, arengas, confusões, matutava Deolindo. É apenas mais uma, que diabo!? De repente, adentra à sala Celina (como sempre desgrenhada, o cabelo desalinhado, o mesmo vestido surrado e encardido, falando sem parar). Logo atrás, o marido Manoel Bento, cabisbaixo, como se fosse para a forca, caladão, aquele jeitão humilde, do caboclo sertanejo.

— Bom dia! - Saudou o delegado: — Sentem-se! Estamos em cima da hora.

Celina nem ao menos respondeu a saudação, foi logo inquirindo:

— Cadê o tar atrivido, seu dotô? Num era pro mode o discardo tá aqui também? Manoel Bento não sentou. Foi logo procurando o canto da parede, escorando o pé e firmando-se numa perna, como parecia ser seu costume. Ali ficou calado, somente observando.

— Calma, dona Celina! — Disse o delegado. — Eu já mandei intimá-lo, vamos dar um prazo de dez minutos, se ele não vier, então mandarei buscá-lo.

Deolindo mal havia terminado de falar, quando Leocácio (Cadinho) entrou na sala. Era um homem magro, ossudo, tez esbranquiçada, cabelos crespos e pretos, aparentava ter de quarenta e cinco a cinquenta anos. Antes de alguém falar, Cadinho disse:



— Bem, doutor delegado, recebi o seu chamado e aqui estou para saber do que se trata!

— Descarado! Fie do cão... — Foi logo insultando Celina ao ver Cadinho.

Deolindo bateu na mesa com força para chamar atenção, e alteando a voz, disse:

— Bom dia, Sr. Cadinho! Queira sentar-se! — Olhando sério para a mulher: — A senhora saiba que está numa delegacia, portanto, só fale quando for a sua vez, e nada de insultos, eu não permito. Certo? — Celina contraiu o rosto numa careta, deixando visível que estava contrafeita, mas ficou calada. O delegado voltou a inquirir Cadinho:

— Pois bem, Sr. Cadinho, eu mandei intimá-lo porque recebi uma queixa contra sua pessoa...bem, é que ... Como vou dizer... (Tartamudeou o delegado), mas logo em seguida recobrou o controle: — O fato, Sr. Cadinho, é que dona Celina, aqui presente, prestou queixa, afirmando que o Sr. colocou numa cadela que o Sr. cria, o nome dela... O Sr. Confirma?

— Ué! (Respondeu Cadinho com a cara mais deslavada). Dr. delegado, isso é crime? — Celina mais uma vez quis se intrometer, mas foi contida pelo olhar de Deolindo, que voltou a falar dirigindo-se a Cadinho:

— Não! Crime não é... não existe no código, isto é, na Lei, nada que fale que não se possa colocar num animal, o nome de uma pessoa...





CASO DE POLÍCIA - PARTE - 3

— Se é assim, — respondeu Cadinho, — e como o Sr. mesmo está afirmando. Por que estou aqui? - Deolindo ficou meio perdido, pensou um pouco para depois falar.

— Olhe, Sr. Cadinho, o fato é que dona Celina se sentiu, bem... como posso dizer... se sentiu aviltada, o Sr. sabe, aqui é uma cidadezinha pequena, todo mundo se conhece e os comentários correm. Será que não daria para entrar num acordo? O Sr. Colocaria outro nome na sua cadelinha. Existem tantos! E tudo seria resolvido. Todo mundo ia para casa, viver a sua vidinha em paz, o que o Sr. me diz?

— Olhe doutor, (disse Cadinho) dar, até que dava, pra mudar o nome da Celina. Estou falando da outra (olhando para a mulher), ou seja, da minha cachorrinha, embora a bichinha já esteja acostumada com o nome, mas o Sr. não sabe quem é essa mulher (outra vez, encarou Celina). Isto é uma cobra venenosa, já brigou com todo mundo naquela rua, e... (Celina, que já não se aguentava mais, e de há muito estava sendo contida pelo delegado, explodiu):

— Mentira, seu Dotô! — dirigindo-se a Cadinho. — Tudo isso é mentira desse desgraçado. Pruquê você num bota o nome da tua mãe? Ela é que deve ser uma cachorra, seu peste, cabra corno, mufino, o diabo é que esse meu homi, (olhou para o marido) é um molenga. Ah! Se eu fosse um homi! Pro mode eu quebrar a cara desse excomungado... — Foi se chegando cada vez mais perto de Cadinho, que recuava... Cadinho falou:

— Tá vendo, seu delegado? Veja como ela é atrevida! — Manoel Bento apenas observava calado, no canto. Celina, ao contrário, investia cada vez mais contra Cadinho, o dedo em riste, apontando diretamente no rosto dele.





— Cabra molenga! (bravou Celina) Mentiroso! Atrevida é tua mãe!

Deolindo, vendo as coisas fugirem do seu controle, levantou-se da mesa e interferiu entre os dois, falando em voz alta:

— Silêncio! Silêncio! — Gritou o delegado. — Escutem bem, eu os trouxe aqui para conversar e tentar resolver o problema; Vou adverti-los que se começarem a agredir-se novamente, faltando com respeito nesta delegacia, mando prender todo mundo, até que se acalmem. Estou falando sério, entenderam?

Os dois calaram-se, voltando aos seus lugares, e ficaram se encarando, os olhares fuzilando ódio reciprocamente. O delegado voltou a falar:

— D. Celina, fique calma, e o Sr. Também, Sr. Cadinho. Só falem quando forem inquiridos... — Olhando para Cadinho:

— O Sr. ia dizendo alguma coisa? O que o Sr. acha da minha proposta? Vai mudar o nome da bendita cachorra? — Cadinho pigarreou:

— Eu vim aqui como o Sr. me chamou, pelo senhor, que é um homem muito educado, uma autoridade, e sabe tratar bem as pessoas. Eu estava pensando em aceitar o seu pedido e mudar o nome da cadela, mas depois do atrevimento dessa mulher, que o Sr. mesmo presenciou, e pode acreditar, seu delegado, isso é apenas uma amostra do que ela é capaz, eu... — Parou um pouco, olhou para Deolindo e falou: — O Sr. me perdoe, mas eu não vou mudar o nome da cachorra. É Celina e vai continuar sendo. Se o doutor quiser, pode até me prender, mas mudar eu não mudo.

Deolindo foi tomado de surpresa diante da decisão de Cadinho, e ficou meio perdido, pensando no que ia falar, quando ouviu Celina dizer:

— Tá vendo, dotô, como o bicho é xexelento? Cadeia nele, dotô!! Tranca ruim, merece é cadeia. — Deolindo, voltando à razão, olhando para Celina, disse:

— Dona Celina, eu vou ser bem sincero com a senhora. Eu posso até prendê-lo, mas logo vou ter que soltá-lo, porque de acordo com a lei, não cometeu crime algum, não posso mantê-lo na prisão, o que seria arbitrariedade de minha parte, e posso até ser punido, a senhora entende? Eu mandei chamá-los aqui para a gente conversar e nos entendermos



como gente civilizada, mas pelo que vejo, isto não está sendo possível, e a senhora, com seus xingamentos e provocações, me parece que dificultou ainda mais.- Voltando-se para Cadinho:

— Quer dizer que não tem acordo!?

— Não, Dr. Delegado. — Respondeu Cadinho.

Deolindo pensou um pouco e resolveu jogar sua última cartada:

— Sr. Cadinho, o que você acharia se alguém colocasse seu nome num cachorro, ou em outro animal? O Sr. gostaria? — Respondeu Cadinho:

— Pois eu não me importaria nem um pouco; por mim pode colocar. — Celina interrompeu:

— Ah! É assim? Pois hoje mermo vou arranjar um cachorro e vou ponhar o nome deste... (olhando para Cadinho) Pro mode ver se é verdade o que diz esse disgramado.

— Já disse e repito, pode colocar (retrucou Cadinho).

Deolindo viu que ali estava a solução: ele ficaria com a cadela (Celina) e ela arranjará um cachorro e o chamará Leocádio ou Cadinho, e todos ficarão felizes, bem... Pelo menos estavam empatados e deveriam darem-se por satisfeitos. — Muito bem! — Falou Deolindo:

— Vejo que chegamos a um acordo. Olhando para Celina: — A senhora arranja esse tal cachorro e coloca o nome dele. — Olhando para Cadinho: — E o Sr. Cadinho continua com sua cadelinha. Portanto, vão viver a vida de vocês e procurem evitar confusões. Estão dispensados, podem voltar para suas casas.

Todo mundo se levantou, inclusive Manoel Bento, que durante todo o tempo, havia permanecido em pé, encostado na parede. Saíram da delegacia... Deolindo deu um suspiro prolongado e também levantou-se. Foi até a cozinha, tomou um copo d'água, e vendo cabo Armando ali na rede, sabendo que a tudo escutara, disse:

— Vê que nó de porco a gente arranja nessa profissão? O negócio foi dureza! — O cabo riu e comentou: — É, chefe, o dia de hoje está ganho. Tomara que a calmaria volte! — Tem toda razão, falou o delegado. Bem,



agora vou dar uma saída para espairecer. Tome conta da delegacia. - Dizendo isso, pegou o chapéu e saiu.

Tudo voltara à calma e tranquilidade, própria da cidadezinha. Já haviam se passado duas semanas do fato e o delegado Deolindo ia tocando sua vidinha. O calor parece que aumentara naquele verão abrasador. Deolindo havia almoçado e se preparava para a sua costumeira sesta do meio-dia, quando alguém bateu à porta da delegacia. Deolindo atendeu, e um rapazote, de mais ou menos 16 anos, vinha esbaforido, tanto pela correria, como pelo calor, e foi logo dizendo:

— Acuda, seu delegado, pois está havendo o maior sururu (disse o nome da rua). Está um quebra pau dos diabos e eu vim aqui avisar.

Deolindo gritou. De imediato, apareceram o cabo e mais três soldados que descansavam no outro quarto, próximo à cozinha:

— Cabo Armando! — Foi logo dizendo Deolindo: — De que se trata, chefe? - Perguntou o cabo.

— Uma confusão — disse Deolindo. — Vá lá com o pessoal e resolva o caso! Se for preciso, traga para o xadrez. Isso é hora para se brigar? Com todos os demônios! — Vociferou irritado, o delegado, já que para ele, a hora da sesta era sagrada. Agora, já que perdera o sono, não restava outro remédio a não ser esperar para saber o que havia acontecido. Portanto, abriu as portas da delegacia, sentou-se em sua cadeira e ficou aguardando.

Qual não foi a sua surpresa quando, dez minutos depois, adentraram à sala Cabo Armando e os praças conduzindo dois homens e uma mulher, além de dois cachorros, acompanhados de uma meninada que vinha logo atrás gritando e vaiando. E não eram outras pessoas, senão Celina, Manoel Bento, e Cadinho. O cabo foi logo dizendo:

— Pronto, chefe! Os três estavam engalfinhados no meio da rua, trocando socos, murros e tabefes. Se não chego logo com meu pessoal (olhou para os soldados), sei não... — Os três estavam algemados, as roupas rasgadas e enlameados pelo fato de haverem rolado no chão, apresentavam arranhões no rosto e no corpo, devido à luta corporal que travaram. Deolindo, olhando-os, balançou a cabeça.



— E aí? Ora, novamente vocês?! Não têm vergonha de brigar no meio da rua? Perturbar o sossego público? Muito bem, o que me dizem? Não havia sido feito um acordo? Então qual o motivo da briga? — Todos permaneceram calados, as caras fechadas. Foi quando Manoel Bento, marido de Celina, saindo de sua costumeira timidez, tomou palavra:

— Pois o dotô tem razão, pro mode istá arreliado, cuma bem o Sr. disse, esses dois fizeram um acordo, a muié arranjou um cachorro e colocou nele o nome dele (Cadinho) pro mode, que tudo ia bem. Ele lá com a sua cadela Celina... Inté que hoje di minhã, eu saí de casa pra trabaíá, e quando vortei pro almoço inda agora mei dia, só ouvi a molecada gritando na maior canaísse, mode quando cheguei no terreiro da casa, esses dois (apontou Cadinho e Celina) estavam atacadados aos tabefes, me meti pro mode separar, cabei levando um tapa (mostrou o olho arroxeadado) mode cuma, eu já estava com a cabeça quente, aí o pau comeu... Foi quando chegou a polícia, e trouxe nós pra cá. Foi isso que aconteceu, Dotô delegado.

Deolindo ouviu a tudo e falou:

— Sim, até aí eu posso imaginar! Pois está se vendo! O que eu quero saber, homem de Deus, é o motivo da briga, se já não estava tudo de acordo? — Novamente Manoel Bento respondeu:

— Mode cuma já lhe falei, enquanto o causo era só o nome, tudo inté que ia bem, mas o Sr. dotô sabe, os bichinhos são criados, e cuma são animais, não sabem de nada. O Cadinho, tô falando do cão, e a Celina, tô falando da cadela, sempre estavam pro perto, já que nossas casas são vizinhas, tudo ia bem... inté que a dianga da Celina entrou no cio, e os bichim, o Sr. sabe... começaram a fazer aquelas coisas... e num é que o diabo dos moleques entraram de casa a dentro gritando: “Chega! Que o Cadinho está em cima da Celina, e os dois tão engatado”.

E dizendo isso, foi lá fora, na calçada da delegacia, e trouxe o casal de cães, que choramingavam, pois após o coito, ainda continuavam unidos, como é próprio da raça, e colocando-os na frente do delegado, disse Manoel Bento:

— E aí, dotô? O Sr. quer um motivo maior do que esse?

FLOR MAMÃE

Uma das coisas que sempre chamam minha atenção, fazendo-me por diversas vezes parar, recordar bons e saudosos tempos, é um jardim bem cuidado.

É necessário que se diga, que foi com minha querida mãe, Adelaide, de saudosa memória, ou através dela, que tudo começou. Minha mãe, durante toda sua vida, mantinha sempre em nossa casa um bonito, bem cuidado e florido jardim. Com absoluta certeza, depois do grande amor que dedicava ao marido e aos filhos, as suas plantinhas, era como as chamava carinhosamente, vinham em segundo lugar.

Por ser o mais velho, primogênito, sempre era recrutado para ajudá-la em seus afazeres, também nos trabalhos de jardinagem. Ora limpando, ora adubando, ora semeando. Assim, desta forma comecei a conhecer plantas, algumas por seus nomes, não só conhecê-las, mas também a gostar delas.

No nosso jardim não faltavam: Boas-noites - assim chamadas porque mesmo no período da noite ficam abertas. Onze-horas - plantinha rasteira que tem uma bela flor. Margaridas, dalias e papoulas - de cores vermelhas, amarelas, ou matizadas. Girassóis - amarelos e exuberantes, giram ao redor do próprio caule, acompanhando a trajetória do sol. Comigo-ninguém-pode - reza a credence popular que serve para afastar olho-gordo, inveja etc... Parece-mais-não-é - espécie de planta com as folhas metade verde, metade vermelha, causando ilusão de óptica que é uma flor, quando na verdade não é, daí o nome. Brêdo - uma flor tipo piramidal, vermelho vinho, pétalas aveludadas. Cravos-de-defunto - belíssima, amarelo, exala aroma forte, assim chamados por serem muito usados para enfeitar urnas funerárias. Ainda havia: Samambaias, xaxins, trepadeiras, espirradeiras, açucenas, espadas-de-são-jorge, além

de vários tipos de rosas. Como bem se sabe, todo jardim que se preza as tem, pois a rosa é a rainha das flores.

Lembro-me de uma roseira especial que deu muito trabalho à minha mãe, por ser delicada. Porquanto ela não desistiu, tentou tantas vezes, até que conseguiu.

Era uma rosa vermelha púrpura, de pétalas aveludadas, que exalava perfume celestial. Chamava-se Sangue-de-Cristo.

Minha mãe ficou radiante de alegria quando finalmente conseguiu que a dita rosa desabrochasse em seu jardim. Correu dar a notícia para as amigas que também possuíam jardins, pois bem sabemos que as afinidades nos torna parceiros e colaboradores com aqueles que compartilham conosco do mesmo ideal.

Tinha ela uma verdadeira rede de amigas, que trocavam informações, mudas, plantas, galhos, sementes etc...

De merecido destaque e motivo de orgulho para ela era o seu pé de bogari, sempre cheio de flores brancas, que exalam inebriante aroma perfumado.

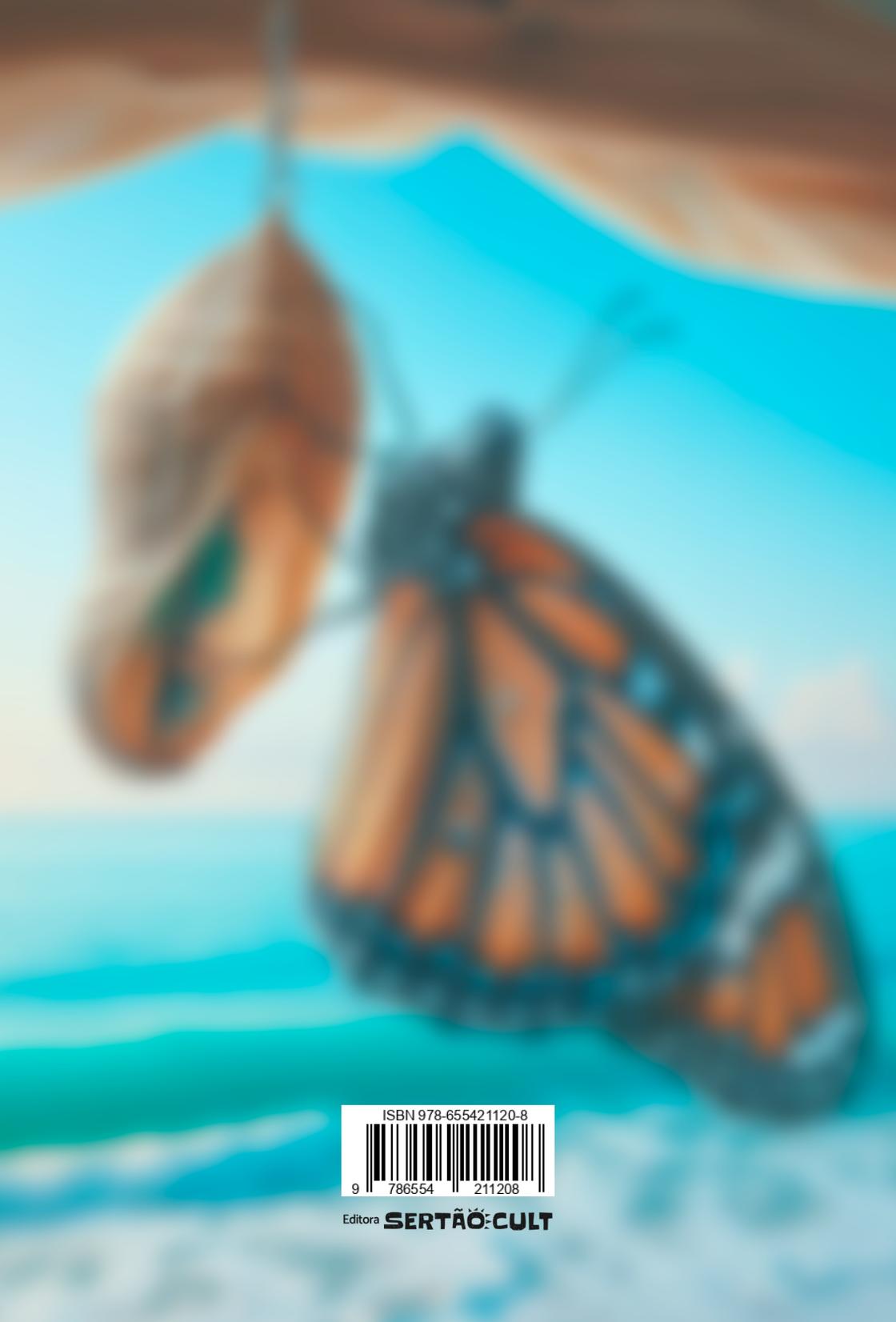
No jardim existe uma verdadeira profusão de vida e beleza, a começar pelas plantas, seres vivos da ordem dos vegetais, além de uma vasta e diversificada gleba de animais, como beija-flores, diversos pássaros, borboletas, insetos, abelhas, verdadeiros agentes polinizadores, responsáveis pela fecundação e continuidade do próprio jardim.

Minha mãe tinha maternal veneração por suas plantas, não era raro vê-la conversando com elas, acariciando-as, cantando cantigas de ninar, tal qual como se faz com as crianças. Lembro-me que certa vez, por conta de um eclipse lunar, nos acordou para, juntamente com ela, batermos em latas, panelas etc... A justificativa era que as plantas estavam adormecidas por ser noite e precisavam acordar para não sofrerem com o eclipse. Se tal fato tem cunho científico, eu até hoje ainda não sei, mas fizemos um grande barulho. Certo é que, pela manhã, todas estavam alegres e viçosas, no que compartilhava a dona do jardim.

Hoje vejo que dentre todas as flores, até mesmo as rosas, a mais bela de todas era, e sempre será, a rainha das rainhas do jardim da minha vida – Minha querida e venerada Flor Mamãe.

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

Este livro foi composto em fonte Minion Pro, impresso no formato 15 x 22 cm
em Pólen natural 80 g/m², com 130 páginas e em e-book formato pdf.
Abril de 2024.



ISBN 978-655421120-8



9

786554

211208

Editora **SERTÃO CULT**